JF/DR

Mia Couto

Na outra margem da palavra

"O meu país é uma terra de muitas nações"

JF
JORNAL DO FUNDÃO

Este Suplemento Comercial faz parte integrante da edição do «Jornal do Fundão» do dia 26 de Abril de 2012 e não pode ser vendido separadamente

LIGAMOS PORTUGAL
AO MUNDO_
Copenhagen
Cologne
Chisinau
Casablanca
Caracas
Campinas
Budapest
Bucharest
Brussels
Bristol
Bremen
Brasilia
Bournemouth
Boston
Bordeaux
Bologna
Boa Vista
Blackpool
Bissau
Birmingham
Billund
Bilbao
Berlin
Belo Horizonte
Belfast
Basel/Mulhouse
Barcelona
Bamako
Atenas
Amsterdam
Algiers
Accra
Zurich
Zagreb
Warsaw
Vienna
Venice
Valencia
Turim
Tunis
Tours
Toulouse
Toronto
Tenerife
Stuttgart
Strasbourg
Stockholm
St. Etienne
Southampton
Sevilla
São Vicente
São Tomé
São Paulo
Salvador
Sal
Rygge
Rotterdam
Rome
Rio de Janeiro
Recife
Praia
Prague
Porto Alegre
Philadelphia
Paris
Palma Mallorca
Oviedo
Oslo
Nottingham
Nice
Newcastle
Newark
Natal
Nantes
Munich
Moscow
Montreal
Milan
Miami
Memmingen
Marrakech
Marseille
Maputo
Manchester
Malaga
Madrid
Maastricht
Lyon
Luxembourg
Luanda
Londonderry
London
Liverpool
Lille
Leeds
Las Palmas
La Coruna
Knock
Kiev
Kerry County
Karlsruhe Baden
Johannesburg
Istambul
Ibiza
Helsinki
Hannover
Hamburg
Glasgow
Geneva
Frankfurt
Fortaleza
Exeter
Eindhoven
Edinburgh
Dusseldorf
Dublin
Dubai
Dole
Dakar
Cork
ANA Aeroportos de Portugal
Damos vida aos aeroportos.
LISBOA _ PORTO_ FARO_ BEJA_ PONTA DELGADA_ HORTA_ SANTA MARIA_ FLORES

ÍNDICE

Quando as palavras voam ao encontro do mundo - Fernando Paulouro Neves, *Pag.III*

Moçambique, 2000: Um distante e longínquo olhar - Textos de Mia Couto com fotos de Rui Jacinto, *Pag.IV*

Cega luz ou fonia lúcida? - Prof. Doutor João Gabriel Silva, *Pag.V*

Mia Couto; la mirada humana y el coraje literario - Prof. Doutor Daniel Hernández Ruipérez, *Pag.V*

Uma Ibéria mais além - Eng.º Joaquim Carlos Dias Valente, *Pag.V*

Mia Couto e os seus mundos - Jorge Sampaio, *Pag.V*

Inventar palavras no falar fraterno - Germano de Almeida, *Pag.VI*

Mia Couto ou o falinventar da língua - Guilherme Oliveira Martins, *Pag.VI*

Raíces y universalidad - Antonio Colinas, *Pag.VI*

Mia Couto – escritor do seu tempo para o futuro - Pires Laranjeira, *Pag.VI*

A grandeza de Mia Couto - Urbano Tavares Rodrigues, *Pag.VIII*

Testemunho breve - Jose Eduardo Agualusa, *Pag.VIII*

... um vasto mundo de homens e mulheres - Zeferino Coelho, *Pag.VIII*

"Miar a vida..." - Ondjaki, *Pag.VIII*

Mia Couto, Assaltante de Fronteiras - Lídia Jorge, *Pag.VIII*

Escritor-Biólogo, Biólogo-Escritor - Arnaldo Saraiva, *Pag.IX*

Mia Couto e a poesia do Brasil inventado - Rita Chaves, *Pag.IX*

As janelas que Mia Couto abriu: uma vista para Moçambique e para o mundo - Cristina Costa Vieira, *Pag.X*

Mia Couto: "O outro lado das palavras e a busca do humano" - Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco, *Pag.X*

Mia Couto, Poeta lusitano - Alfredo Pérez Alencart, *Pag.X*

A Literatura e a mestiçagem das culturas - Daniel Lacerda, *Pag.XI*

O lugar da fala - Paulo Archer, *Pag.XI*

O geógrafo heterodoxo e sua imaginária geografia - Rui Jacinto, *Pag.XII*

O forjador de palavras e a humana Babel - Antonieta Garcia, *Pag.XII*

El compromiso vital con la "terra" y con la "oralidade" - Valentín Cabero Diéguez, *Pag.XIII*

Mia Couto: perfis - Nataniel Ngomane, *Pag.XIII*

O encontro de Mia Couto com Eduardo Lourenço - António Valdemar, *Pag.XIII*

Mia Couto, poeta de iluminação ensaística - Inocência Mata, *Pag.XIV*

«L'Accordeur de silences» de Mia Couto (ou les exilés de l'humanité) - Dominique Stoenesco, *Pag.XV*

Mia Couto, uma "Bola de Neve" e a Guarda - António José Dias Almeida, *Pag.XV*

Ficha Técnica

SUPLEMENTO CULTURAL

Diretor-Geral: Vasco Pinto Leite
Diretor: Fernando Paulouro Neves
Coordenador de Redacção: Luís Nave
Organização e coordenação: Fernando Paulouro Neves e Rui Jacinto

Publicidade
Coordenadora: Teresa Godinho
Conceição Salvado

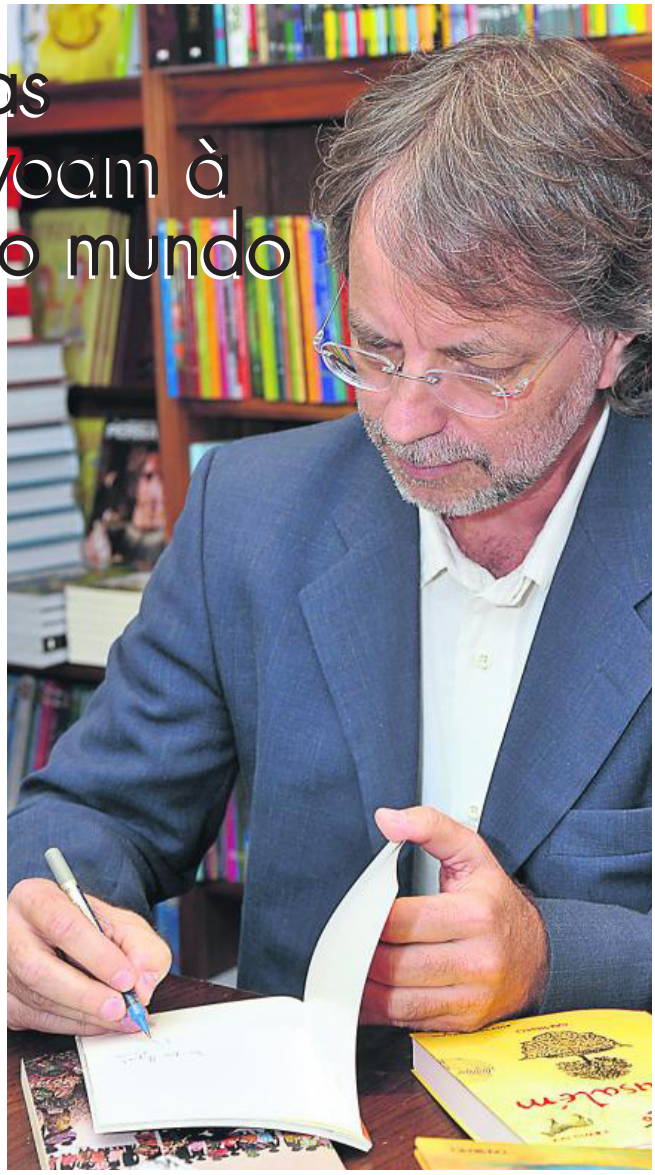
Grafismo: Jornal do Fundão
Paginação: Benvinda Martins e Jorge Chorão

Jornal do Fundão
Rua Jornal do Fundão, 4 - 6231 Fundão
Telefones: 275 779350 (geral);
275 779365 (publicidade);
275 779355 (redação)
Email: redaccao@jornaldofundao.pt

Quando as palavras voam à procura do mundo

FERNANDO PAULOURO NEVES

JF/DR



No património de nomes, que faz a história do "Jornal do Fundão", Mia Couto enobrece a galeria. Ao materializarmos a candidatura do escritor moçambicano ao Prémio Eduardo Lourenço, que Mia Couto tão justamente venceu, demos afinal continuidade a um caminho iniciado nos longínquos anos 60, quando a pátria idiomática comum à futura lusofonia era realidade expropriada no "reino cadaveroso da estupidez" e o universo criador, essencial ao pão da liberdade, fenómeno de resistência e de afirmação de dignidade, por cima das fronteiras.

Se recuarmos a esses dias cinzentos, encontramos logo, em 1963, coincidente com a vinda de Juscelino Kubitschek à Beira e ao Fundão, a convite de António Paulouro e do JF, o suplemento literário "Nova Literatura", dirigido por Artur Portela, dedicado ao Brasil. Dois anos depois, em 1965, um acontecimento viria ligar o "Jornal do Fundão", duma forma especialmente afectiva, à literatura angolana. Tudo porque o jornal publicou a notícia da atribuição do prémio de Novelística, da Sociedade Portuguesa de Escritores, a Luandino Vieira, pelo livro "Luuanda", que foi um sopro original e inovador na afirmação de uma literatura de matriz angolana. O JF publicara a notícia no suplemento literário "Argumentos", dirigido por Alexandre Pinheiro Torres, suplemento que incluía sintomaticamente um artigo de Manuel Ferreira intitulado "Negritude". Por ter noticiado o prémio a Luandino, o "Jornal do Fundão" seria apreendido, suspenso por seis meses e, depois, submetido a severo regime de censura, em Lisboa.

A partir desse ano, as relações entre o JF e os escritores brasileiros intensificam-se: António Paulouro traz ao Fundão e à Beira Érico Veríssimo, João Cabral de Melo Neto, Odylo Costa, que participam em sessões com escritores portugueses, e Arnaldo Saraiva publica cadernos especiais (muito mutilados pela censura, aliás) sobre a moderna literatura brasileira. O "& etc...", aqui publicado, sonhado pelo José Cardoso Pires e dirigido por Victor Silva Tavares, acabará por dar, também, atenção particular ao Brasil, sobretudo a João Guimarães Rosa.

Com o 25 de Abril, alargou-se a galáxia da criação lusófona. Nessa respiração de liberdade, surge, a partir de 1979, a colaboração exclusiva em Portugal das crónicas de Carlos Drummond de Andrade, que se prolongou por quase uma década. A obra do grande poeta e cronista brasileiro mereceu, também, publicações especiais, com participação de destacados escritores portugueses. Na nova galáxia do pensamento cultural, paea além da Ibéria – lembrem as Jornadas "A Raia-traço-de-união" – deve registar-se a saída no JF de suplementos especiais sobre Cabo Verde e a sua literatura ou sobre Moçambique e os novos criadores.

É nesse contexto que se integra a candidatura de Mia Couto ao prémio do Centro de Estudos Ibéricos e a publicação do caderno especial que hoje lhe dedicamos, com tão qualificada colaboração de autores de Portugal, Espanha, Angola, Moçambique, Cabo Verde e Brasil. É uma honra enorme este jornal ter concretizado a ligação do escritor Mia Couto a um prémio que tem o nome de Eduardo Lourenço, construtor de primeira grandeza do pensamento português à escala planetária.

Porque a obra criadora de Mia Couto representa um contributo assinalável para a construção de uma Língua portuguesa de matriz global, na edificação de um universo ficcional de grande originalidade que dilatou o nosso imaginário. A escrita inventiva, original e poética de Mia Couto, faz eco da oralidade, assenta numa fórmula pessoalíssima de mestiçagem e criatividade linguística que, proporcionando a descoberta de novas palavras, tem contribuído para enriquecer a língua portuguesa. Só verdadeiramente os grandes criadores, com a genialidade da sua invenção, se afirmam como construtores da Língua. Neste processo criativo tem explorado a "sua relação com a terra", abordado temas que dão voz aos problemas e à mundivivência telúrica, densa e profunda do universo moçambicano.

Aquilino, no seu cavar fundo da descoberta arterial da Língua portuguesa, dizia que a palavra é "um ser vivo, um bicho" que se move e afirma no tempo. Mia Couto, na sua vastíssima obra, mostra bem essa realidade que Mestre Aquilino tão bem trabalhou ao longo de uma vida inteira. A criatividade e os contornos transversais da obra, a heterodoxia lexical a que recorre e o empenho cívico assumidos por Mia Couto transformaram-no numa referência cultural do espaço lusófono. Em certo sentido, a multipolaridade da sua matéria literária cumpre o desígnio de uma outra "Jangada de Pedra", de natureza cultural, que expressando ao mais alto nível a condição humana, amplia a realidade idiomática, tão rica em diversidades, do nosso intemporal falar global. Empenho cívico e percurso criativo, valores caros a Eduardo Lourenço, ancorados numa obra que transcende as fronteiras matriciais ou as que delimitam o respectivo universo ficcional levam a reconhecer Mia Couto como um autor cujo contributo é inestimável para estreitar a cooperação e difundir a cultura ibérica a territórios situados para além do restrito espaço peninsular europeu.

As palavras de Mia Couto voam à procura do mundo.

Moçambique, 2000: Um distante e longínquo olhar

RUI JACINTO *(fotos)*
Textos de Mia Couto

"nos nossos dias, já não há viagem. Deslocamo-nos, apenas. Embarcamos num continente para, horas depois, ganharmos destino num outro mundo, as distâncias atingíveis por números, mas não por humano entendimento. A viagem essa antiquíssima epopeia, com os seus desconhecidos meandros, os seus ritmos e presságios, essa viagem morreu. A velocidade que possibilita a deslocação acabou matando a viagem.

Com ela se extinguiu a transição pausada entre gentes e lugares, essa travessia que convoca travessias das nossas próprias paisagens interiores. A viagem obriga-nos a sermos outros, a descentrarmo-nos, a deslocarmo-nos para fora de nós. A viagem implica a disponibilidade para nos diluirmos, a vontade de sermos apropriados por outras almas"

(Interinvenções: 184)

1. Beira

"Águas do meu principio

A cidade não é um lugar. É a moldura de uma vida. A moldura à procura de retrato, é isso que eu vejo quando revisito o meu lugar de nascimento. Não são ruas, não são casas. O que revejo é um tempo, o que escuto é a fala desse tempo. Um dialecto chamado memória, numa nação chamada infância."

(Pensatempos: 145)

2. Maputo

"Maputo é ainda para a maior parte dos seus cidadãos Xilunguini. O que é quer dizer xilunguini? É o lugar onde se fala português, ou de uma forma mais genérica, onde se vive como os brancos. Quando é que Maputo já se converteu num lugar mentalmente representado como nosso, remodelado à nossa maneira?

A percepção moçambicana das cidades do Sul de Moçambique foi inventada fora de Moçambique. Nasceu do contacto dos nossos mineiros e camponeses com as cidades sul-africanas. O termo «doropa» provém de dorp, forma como na língua afrikaans se designa «pequena cidade».

A história da cidade está ligada a processos humanos que muitas vezes nós, os maputenses, desconhecemos. Mas é importante conhecer a história de cada uma das nossas cidades. O sentimento de cidadania começa por aí: só se ama o que se conhece. E não podemos amar as nossas cidades se elas forem entendidas como heranças deixadas pelos outros."

(Pensatempos: 94)

3. Rural

"Muidinga repara que a paisagem, em redor, está mudando suas feições. A terra continua seca mas já existem, nos ralos capins sobras de cacimbo. Aquelas gotinhas são, para Muidinga, um quase prenúncio de verdes. Era como se a terra esperasse por aldeias, habitações para abrigar futuros e felicidades. Mas o mato selvagem não oferece alimento para quem não conhece seus segredos".

(Terra sonâmbula: 53)

"Entre sertão e savana: a reinvenção da paisagem

O sertão é uma palavra quase intraduzível. Dá nome à paisagem de uma das regiões mais pobres do Brasil, dominada por planícies áridas e pelas terras incultiváveis do interior. Abarcando mais que um terço da superfície do Brasil (maior que muitos dos países europeus), o sertão não é, porém, da ordem da geografia. «O sertão», dizia Guimarães Rosa, «está dentro de nós».

O sertão é, pois, um mundo em invenção. Tudo isto se pode dizer da savana, o espaço onde se constrói não apenas a paisagem de África mas onde África se constitui. O sertão e a savana são assim mundo construídos na linguagem. Nestes territórios o leitor é, ao mesmo tempo, viagem e viajante. Sendo muito caminháveis, esses territórios não são, contudo, espaços que se atravessa."

(Pensatempos: 109)

4. Ilha

"Quando vim para África, deixei de sentir o Outono. Era como se o tempo não andasse, como se fosse sempre a mesma estação. Só o frangipani me devolvia esse sentimento do passar do tempo. Não que eu hoje precise de sentir nenhuma passagem dos dias. Mas o perfume desta varanda me cura nostalgias dos tempos que vivi em Moçambique. E que tempos foram esses! (...)

Sempre que olhava as traseiras da fortaleza eu via a savana a perder as vistas. Perante toda aquela devastidão me chegavam instintos de fogo e cinza.

Hoje eu sei: África rouba-nos o ser. E nos vaza de maneira inversa: enchendo-nos de alma. Por isso, ainda hoje me apetece lançar fogo nesses campos. Para que eles percam a eternidade. Para que saiam de mim. É que estou tão desterrado, tão exilado que já nem me sinto longe de nada, nem afastado de ninguém.

Me entreguei a esta país como quem se converte a uma religião. Agora já não me apetece mais nada senão ser uma pedra deste chão. Mas não uma qualquer, dessas que nunca ninguém há-se pisar. Eu quero ser uma pedra à beira dos caminhos."

(A varanda do Frangipani: 47-49).

5. Gente

"A guerra tinha terminado, fazia quase um ano. Não tínhamos entendido a guerra, não entendíamos agora a paz. Mas tudo parecia correr bem, depois que as armas se tinham calado. Para os mais velhos, porém, tudo estava decidido: os antepassados se sentaram, mortos e vivos, e tinham acordado um tempo de boa paz. Se os chefes, neste novo tempo, respeitassem a harmonia entre terra e espíritos, então cairiam as boas chuvas e os homens colheriam gerais felicidades. (...)

Mas a terra é um ser: carece de família, desse tear de entreexistências a que chamamos ternura. Os novos-ricos se passeavam em território de rapina, não tinham pátria. Sem amor pelos vivos, sem respeito pelos mortos.. Eu sentia saudade dos outros em que eles tinham sido. Porque, afinal, eram ricos sem riqueza nenhuma."

(O ultimo voo do flamingo: 114.)

Cega luz ou fonia lúcida?

JOÃO GABRIEL SILVA
Reitor da Universidade de Coimbra
(com Adelaide Chichorro Ferreira)

Ao ler Mia Couto acontece-nos tropeçar em algo que, de tão omnipresente no nosso quotidiano, acabamos por nem ver. Ora, neste caso tropeça-se por gosto, mergulhando num oceano completamente novo, povoado por seres humaníssimos, nos quais inesperadamente revemos, afinal de contas, muito de nós mesmos. Usamos a nossa língua todos os dias, por escrito e oralmente, mas ela é como o ar que se respira ou a água que se bebe. Imprescindíveis como são, o facto é que quase nunca reparamos verdadeiramente na sua existência. Dá nas vistas o que sobressai num pano de fundo de normalidade inconsciente e amorfa: a língua de Mia faz-nos perceber que esse mesmo pano de fundo existe, não tanto para nele nos deixarmos afogar, mas antes para nos deslumbrarmos com o imenso que simples conjugações de letras nos podem fazer descobrir.

Cada palavra «diferente» inventada por Mia é como a chegada a um lugar pleno de novos recantos. Mia produz diversas línguas dentro duma só, e ao multiplicar o léxico chega mesmo a fazer-nos ler alemão no português. É isso que as suas constantes composições (ou antes: amálgamas) de palavras nos mostram. Não o faz todavia como os filósofos germânicos, imprimindo à língua um rigor denso e abstrato, fá-lo antes com a ligeireza natural e espontânea de quem dança por entre abensonhadas estórias. Nada nem ninguém assim retratado é para Mia Couto o que à primeira vista se esperaria: a mera confluência de duas ou mais realidades num só conceito. Dizê-lo com o zelo mais cantado que contado dos lusófonos é o aspeto em que mais se distingue dos alemães. Porque de facto não escreve alemão dentro do português: transpõe para a sua escrita a voz da Terra que conhece, não apenas pela sua veia de escritor, mas também por aquela outra de naturalista.

O seu amor às gentes simples do seu país, bem como à diversidade biológica, encontra um reflexo inequívoco neste seu brincar linguístico com muito de sério, porque fruto do exercício da imprescindível responsabilidade que cabe, afinal de contas, a cada intelectual: habituar-nos a achar normal a diversidade, mais do que a receá-la, rejeitá-la ou mesmo a tolerá-la. Assim, a estranheza que a princípio sentimos com as novas palavras que povoam os seus livros não decorre da nossa mal disfarçada tendência para um falso pudor universalista, cujo intuito secreto é uniformizar ad absurdum, mais do que libertar as mentes. É antes o resultado daquela benfazeja cegueira temporária que se experimenta quando, amodorrados na escuridão indigesta duma normalidade «indicente», abrimos subitamente os olhos para o reluzir lúcido da lusofonia.

É uma honra para mim, na primeira vez que presidi ao júri do Prémio Eduardo Lourenço, ter tido o privilégio de distinguir um tão alto (es)cultor da "luz ou fonia".

Mía Couto; la mirada humana y el coraje literario

DANIEL HERNÁNDEZ RUIPÉREZ
Rector de la Universidad de Salamanca

El Centro de Estudios Ibéricos otorgó el Premio Eduardo Lourenço 2011 al escritor mozambiqueño Mía Couto subrayando sus originales creaciones literarias, cargadas de entrañables mestizajes y su compromiso vital con los problemas que ensombrecen nuestro tiempo: la lucha contra las desigualdades y la protección ambiental. En sus contribuciones periodísticas y en sus conferencias, Mía Couto pone de manifiesto una y otra vez la rebeldía cívica y el coraje humano con que levanta su voz contra la indignidad y la destrucción de los soportes naturales que nos dan cobijo y alimentan nuestras vidas.

La Universidad de Salamanca, próxima a la celebración de su VIII Centenario, se siente partícipe de este nombramiento y comparte con nuestros colaboradores de Coimbra y de Guarda el reconocimiento a la trayectoria como escritor de Mía Couto y a su labor como animador del debate cultural lusófono y africano. Las características de su obra recogen ideas y valores muy próximos al entorno plural de las preocupaciones ibéricas que el Centro de Estudios Ibéricos viene acogiendo desde hace más de una década.

Nuestras relaciones históricas han estado volcadas por vínculos fundacionales con los países de America Latina, pero mantenemos también lazos académicos muy estrechos con nuestros vecinos ibéricos y europeos, colaborando con la Universidad de Coimbra en proyectos docentes y de investigación comunes que se apoyan en la cooperación, el intercambio, la transferencia de conocimientos y la confianza mutua. Ahora, cuando estamos fortaleciendo nuestro Campus de Excelencia Internacional, saludamos con entusiasmo la obra y el quehacer de Mía Couto al descubrirnos en la belleza de sus escritos las culturas e identidades africanas, siempre en referencia el nacimiento de un joven país como Mozambique. Sus cuentos, sus historias o sus ensayos, nos enfrentan a problemas graves y a experiencias difíciles: el analfabetismo, los niños soldados, el SIDA, la pobreza, la violencia, los abusos sexuales, el racismo o, desde su mirada de biólogo, a la depredación de los recursos naturales. Todos ellos son, sin duda, asuntos de transcendencia universal que reclaman actitudes académicas, sociales y políticas más solidarias y comprometidas, que Mia Couto nos recuerda en sus apasionados escritos.

Uma Ibéria mais além

JOAQUIM CARLOS DIAS VALENTE
Presidente da Câmara Municipal da Guarda
Membro da Direcção do Centro de Estudos Ibéricos

Enquanto membro da Direcção do Centro de Estudos Ibéricos, honra-me que o Prémio Eduardo Lourenço 2011 tenha sido atribuído a um dos maiores vultos da aventura lusófona. António Emílio Leite Couto – Mia Couto –, jornalista, biólogo e escritor, é uma das figuras mais importantes da cultura moçambicana.

Pensar a cultura ibérica é entendê-la para além da Península. Portugal e Espanha desenvolveram as Identidades Fugidias, tão bem caracterizadas pelo próprio Mia Couto num memorável texto com este mesmo título, que acabou por dar nome a uma colectânea que, em 2001, marcou o início de uma longa actividade editorial que tem sido uma das vertentes mais importantes do Centro de Estudos Ibéricos.

Simbolicamente, a Câmara Municipal da Guarda – que naquele ano se tinha associado à Universidade de Coimbra e à Universidade de Salamanca e, mais tarde, ao Instituto Politécnico da Guarda – iniciou a sua acção nesta área com uma obra de referência sobre a emigração. Era uma homenagem a todos quantos tinham, ao longo de gerações, protagonizado a diáspora portuguesa. Mia Couto deu testemunho dessa experiência, evocando os pais, que tinham partido para Moçambique na década de 1950, ensinando-o depois a amar aquela terra "como sendo nossa na medida em que era de outros".

Referência cultural do espaço lusófono, Mia Couto contribui significativamente para a construção de uma Língua Portuguesa de matriz planetária. A edição dos seus livros nos países de Língua Portuguesa e de Língua Castelhana fazem dele o principal mensageiro africano da lusofonia nos espaços de expressão ibérica.

Ponte duma cooperação cultural que se espera frutuosa entre África, Europa e América Latina, a distinção agora atribuída não deixa de se inscrever na procura de novas formas de diálogo e de cooperação, onde este autor se afirma como um interlocutor privilegiado e potenciador do diálogo plural e aberto que importa aprofundar com o mundo ibero-americano.

A obra literária de Mia Couto representa, pois, um importante estímulo ao diálogo que transcende as fronteiras matriciais ou as que delimitam o respetivo universo ficcional, representando um contributo inestimável para estreitar a cooperação e difundir a cultura ibérica a territórios situados para além do restrito espaço peninsular europeu. Uma obra que cumpre, assim, o desígnio de uma Ibéria mais além, de natureza cultural.

Com o reconhecimento da obra de Mia Couto, o CEI ultrapassa as fronteiras e reinterpreta, desta forma, o conceito de Cultura Ibérica.

Mia Couto e os seus mundos

JORGE SAMPAIO

No meu registo de momentos vividos, vou buscar um dia frio de Novembro em que a Guarda celebrava o seu oitavo centenário, evocando com orgulho uma história de determinação beirã revigorada ao longo dos tempos pelo granito tutelar das suas paisagens. A meu lado, Eduardo Lourenço, que não longe dali nascera, preparara umas folhas manuscritas para o discurso cerimonial. Mas, ao dizê-lo, interrompeu-se subitamente, e nesse jeito tão seu de pensar alto, deixar-nos-ia a ideia luminosa de um Centro de Estudos que recusasse as clausuras da interioridade e antes constituísse, na Guarda, um lugar de reflexão sobre a Ibéria, ajustando assim o seu destino antigo de cidade-atalaia às exigências de um tempo novo de diálogo e de permuta cultural entre os dois Povos.

Sabemos como é muitas vezes difícil na nossa terra o sonho superar as ásperas barreiras do quotidiano, mas a autoridade intelectual e o empenho de Eduardo Lourenço, a capacidade realizadora das gentes da Guarda, e o impulso dado pela franca adesão das Universidades de Coimbra e Salamanca, fariam desta ideia um projecto vencedor que, logo quando surgiu, gostosamente apoiei e cujo percurso dinâmico tenho seguido. Importa, aliás, sublinhá-lo: o que até agora o Centro vem produzindo, no seu trabalho diversificado, repartido por cursos, acções de investigação e de formação, seminários, conferências, e um continuado esforço editorial, torna-o importante promotor do diálogo cultural ibérico, ajudando a combater as várias desatenções mútuas que, incompreensivelmente, teimam em persistir.

Neste amplo quadro de actividades, o prémio literário Eduardo Lourenço, já na sua sétima edição, tem constituído, pelo interesse que desperta e pela qualidade das personalidades até agora distinguidas, um momento especial na vida do Centro. Cabe este ano essa honra ao escritor Mia Couto, cuja candidatura, em boa hora apresentada pelo Jornal do Fundão, mereceu o reconhecimento do júri, atento ao valor de uma obra que ocupa já um lugar de referencia no universo plural da língua portuguesa e tem colhido crescente aplauso além fronteiras nos outros espaços de expressão ibérica.

Na sua escrita, Mia Couto recorda-nos que existe uma realidade oculta para lá do território aparentemente sem mistério que nos rodeia. Manejando por vezes o insólito, ou mesmo descrevendo ambientes formatados na falsa habitualidade do quotidiano, Mia não poucas vezes nos prende entre um real em que se atravessam dramas pressentidos, narrativas de vida, mas também presenças de um universo fantástico, porventura colhido na rica tradição de oralidade e de magia da terra africana em que nasceu e cresceu. Ao fazê-lo, consegue num estilo inconfundível - marca dos bons autores – envolver-nos na densidade do seu imaginário, enriquecendo-o com palavras só na aparência novas (" palavra descobre-se, não se inventa", diz Mia), ou com uma recorrente espessura poética que, irresistivelmente, nos vai ganhando para melhor compreensão dos seus mundos e personagens. Tudo isto através de um processo criativo de feliz reinvenção da língua, assente num trabalho rigoroso em que se descortinam ecos de experiências pessoais e das diferenciadas heranças que historicamente cruzaram e influenciaram o espaço cultural moçambicano; mas igualmente, e sobretudo, cumprindo de modo eficaz um objectivo confessado: " meu desejo é desalisar a linguagem, colocando nela as quantas dimensões da vida".

É afinal um rico percurso literário e cívico, já galardoado por outras instâncias, aquele que este prémio agora assinala – e oferece como exemplo. E isto porque Mia Couto tem sabido, ao longo da sua vida de escritor, não esquecer os deveres de cidadão empenhado, advertindo-nos, à sua brilhante maneira, da existência de um mundo onde (é ele que o sublinha) tantas vezes "a mentira credencia os mais fortes".

Inventar palavras no falar fraterno

GERMANO ALMEIDA
Escritor
Cabo Verde

Num certo dia de há uns anos atrás encontrei o Mia na Editorial Caminho, e eu, Você é o Mia Couto! E ele, Tu és o Germano…

Comecei por retrair-me diante dessa familiaridade, mas não durei muito a ver que ele tratava toda a gente por tu. Um "tu" tímido e fraterno que soava a uma carícia. Adotei-lhe o modo, tanto mais que muitas vezes aconteceu nos encontrarmos em países estranhos onde a língua comum funciona como força de atração.

E nem seria difícil ficarmos amigos. O Mia deve ser dos "intelectuais" menos convencidos que conheço, amável, brincalhão, sorridente, e não só não inventa palavras quando fala, como também é incapaz de expressão ou atitude capaz de magoar ou ofender. Lembro-me de certa vez que nos encontrámos no Rio de Janeiro para falar das nossas identidades. No intervalo para o almoço saímos os dois em busca de um restaurante, estava combinado que recomeçaríamos pelas 15 horas. E apressámo-nos a voltar, porém para encontrar a sala ainda vazia. Esperámos aí uma boa meia hora, e ninguém! Vamos embora, sugeri-lhe, vamos conhecer a cidade. Ele começou por hesitar, mas argumentei com a falta de pontualidade dos demais e lá se decidiu a acompanhar-me. No dia seguinte a responsável pelo evento quis recriminar-nos: Vocês ontem baldaram-se, disse, estávamos cá todos menos os senhores escritores!

O Mia começou a tuntunhir não sei que desculpa, de modo que preferi tirar-lhe a palavra: A que horas regressaram vocês, perguntei. Às três, como combinado. Bem, disse-lhe, ele e eu viemos às três, esperámos até cerca das quatro, não chegou ninguém. Aí a nossa interlocutora encabulou-se: Sim, acabou por admitir, realmente chegámos um bocadinho mais tarde.

O Mia é que se mostrou muito incomodado com a minha observação. Vocês caboverdianos são muito diretos, disse. Às vezes um bocadinho brutos, ajuntei rindo, gostamos de apresentar isso como sequelas do colonialismo. Um moçambicano nunca falaria assim, evitamos sempre colocar o outro numa situação desconfortável.

Há muito não nos vemos, apenas a sua prosa tem chegado a mim. E há dias um vídeo em que fala do medo, da fome, das guerras. E eu ouvia-o e pensava, como pode uma pessoa dizer coisas tão elevadas e profundas com um ar de tanta humildade? Ouvia-o e pensava, Ele vai ter palmas da assistência em pé e rendida. Fiquei desiludido ao ouvir apenas meia dúzia de mãos batendo, mas concluí que naquele ambiente tinha sido uma espécie de atirar pérolas aos porcos.

Raíces y universalidad

ANTONIO COLINAS
Poeta

Se ensanchan las relaciones entre Portugal y España y ello está siendo posible no sólo por razones políticas (la difuminación de la frontera, el fértil —no el retórico— espíritu europeísta), sino especialmente por causas culturales y, muy concretamente, por las literarias. Este último ha sido un proceso que los escritores de ambos países hemos ido contemplando y viviendo, especialmente desde el advenimiento de la democracia. A ello han contribuido de manera especial —si miramos desde este lado de la frontera— algunos estudiosos, traductores y escritores. Estoy pensando, por citar a unos pocos, en las personas de Ángel Crespo, Ángel Campos, César Antonio Molina o Mario Merlino. Si pensamos en el campo más estricto de los estudios generales, recordaremos la actividad de una universidad como la de Salamanca, y por abarcador en su apasionado rigor, recordaría el trabajo del profesor Valentín Cabero.

De esta aproximación también es un revelador testimonio el "Premio Eduardo Lourenço", que concede el Centro de Estudios Ibéricos de Guarda, que este año ha sido otorgado al escritor mozambiqueño Mia Couto. Se ahonda, pues, de esta manera ese afán no sólo de aproximar nuestras dos culturas y nuestras dos lenguas, sino de universalizarlas desde la fraternidad. Ese universalismo tan extremado que Pessoa nos fijó para siempre a través de los bellos, sencillísimos y hondos versos de su Alberto Caeiro, ahora se proyectan desde una realidad más vívida, actual y concreta, y no menos extremada, aunque con otros recursos: la de África, que Mozambique representa, después de las convulsiones últimas por las que pasó dicho país, y del cual uno de sus hijos es el escritor Mia Couto.

Para valorar la figura de este autor, que ha desplegado amor y solidaridad frente a ese exilio de tudo no hay que olvidar que, en sus raíces creadoras encontramos a un poeta, al autor de un libro como Raiz de Orvalho, en el que, sutilmente quizá, ha sustentado esa otra convulsión lingüística que han sido sus libros de cuentos y de narraciones, su periodismo o sus novelas. No dispongo del espacio para analizar mínimamente algunos de los libros de Couto que he leído, concretamente dos editados en español el mismo año de 2002, El último vuelo del flamenco y Tierra sonámbula, pero sí deseo detenerme en dos conceptos muy de él que fijan los propósitos de su obra, el humanismo de la misma.

Uno, es ese afán de "restituirnos al ser", es decir, a lo que esencialmente somos. Otra es ese tudo (todo) que el escritor utiliza como expresión suma de universalidad. Todo que se unifica en la lengua en que este escritor habla y escribe: el portugués. Convulsiones, guerras, alejamientos, injusticias, pueden desordenarlo todo, pero el escritor dispone de esa lengua para neutralizar los factores que desasosiegan o perturban. A nosa lengua, o noso lugar, ha dicho concretamente Mia Couto. Es —expresado de manera inversa— el mensaje que nos transmitió ese otro poeta y pensador de nuestro noroeste que fue Miguel Torga. Lo que para Torga supuso lo aparentemente "local", en Couto lo supone la "lengua". Al fondo de ambas palabras no está sino el tudo de Couto, el sentido de universalidad desde lo "local" en uno (Tras os Montes, las orillas del Duero) o desde un horizonte más ilimitado y "sonámbulo", inmerso en lo telúrico, igualmente "sin paredes", en el otro: África.

Estos propósitos ingentes se deben proyectar en una literatura que desea y debe ser obligadamente nueva, pues parte del riesgo de crear un lenguaje nuevo. También ello lo ha logrado Couto en sus libros. Sí, el ser humano se debate, lucha, sufre y busca respuestas justas en un mundo cada vez más globalizado. Pero lo que en realidad están en juego son las "raíces del ser", esas en las que debe arraigar una universalidad humanitaria y una solidaridad sin fronteras. La lengua de cada escritor ayuda extraordinariamente a ello desde la "raíz" de lo telúrico asumido y metamorfoseado. Esto es así, muy señaladamente, desde las obras de Mia Couto.

Mia Couto ou o falinventar da língua

GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS

A atribuição do Prémio Eduardo Lourenço do Centro de Estudos Ibéricos da Guarda, na sua sétima edição, a Mia Couto é um reconhecimento da maior relevância, uma vez que se afirma inequivocamente um conceito novo, aberto e expansivo das culturas ibéricas. A língua e a cultura têm essa virtualidade de não se aterem a um lugar, mas de invadirem todos os lugares. As Universidades de Coimbra e de Salamanca dão-se, assim, as mãos ao reconhecerem neste prémio Mia Couto como um símbolo de diversidade. E chegamos a África, dizendo que a cultura ibérica é multifacetada nas suas origens e na sua projeção. Nascemos de um cadinho e expandimos a língua como um caleidoscópio. Há um exemplo na obra de Mia Couto que merece ser lembrado: falo de «Terra Sonâmbula» (1992) e da estória do velho Tuahir e do jovem Muidinga, refugiados da guerrilha, que encontram um machimbombo cheio de corpos carbonizados. Aí descobrem os cadernos de Kindzu, alguém que procurava os naparamas, guerreiros predestinados, e Gaspar, o filho do seu amor, Farida. A doença e a guerra fez Muidinga perder a memória, que Tuahir procura compensar — e a estória entrelaça-se misteriosamente, sem certezas. Um velho e um jovem lutam pela sobrevivência e leem as andanças de Kindzu. E fará Muidinga parte das duas narrativas? Somos levados a dizer que sim. Mia Couto usa a imaginação e o sonho. É o «falinventar» - ou o método de abrir ao sonho, usando a extrema felicidade da palavra. Mia Couto cria e recria a língua e aí segue as pisadas imaginosas de Guimarães Rosa. Não por acaso «Terra Sonâmbula» foi considerado um dos doze melhores livros africanos do século XX por um júri da Feira do Livro do Zimbabué. António Emílio Leite Couto, Mia Couto, é biólogo, filho de portugueses, aprendeu na Beira e partiu para a capital moçambicana, onde começou a cursar medicina. Interrompeu os estudos médicos e abraçou o jornalismo. A sua grande originalidade é procurar recriar a língua portuguesa num modelo de narrativa africana, na idiossincrasia moçambicana. E o cronista dotado não deixa o método por mãos alheias, como em «O País do Queixa-Andar» (2003). Agora, a ligação entre Mia Couto e Eduardo Lourenço é eloquente e significativa. É a ilustração viva do modo como a cultura e a língua obrigam à complementaridade entre a imaginação e a crítica!

Mia Couto – escritor do seu tempo para o futuro

PIRES LARANJEIRA
Faculdade de Letras
da Universidade de Coimbra

Há livros que marcam o percurso literário de um escritor, uma época, uma literatura e mesmo uma língua. Na área africana de língua portuguesa, o romance Chiquinho (1947), do cabo-verdiano Baltasar Lopes, os contos de Luuanda (1964), do angolano José Luandino Vieira, e o romance Terra sonâmbula (1992), do moçambicano Mia Couto, atentando apenas nestes exemplos, representam vértices incontornáveis de verdadeira emancipação literária, momentos em que a língua e suas expressões estético-sociais atingem cumes que perdurarão por séculos e que hão-de sempre representar, nos respectivos países, celebrações das novas culturas, modernas e independentes.

Mia Couto é daqueles escritores que criam novas linguagens dentro da sua língua (todos contribuem para criar, mas alguns tornam-se autênticos avatares de epifanias), tal como James Joyce, Guimarães Rosa, José Luandino Vieira, Aquilino Ribeiro, Kateb Yacine, Amos Tutuola. Basta ler três linhas para se perceber a quem pertence essa linguagem tão marcadamente pessoal e, em simultâneo, tão regional-nacional — que, por isso, se transforma em exemplo internacional de criatividade e expressão castiça de uma comunidade, sem que haja entrechoque desses planos. A plasticidade do discurso, a inventividade linguística, a representação social e cultural, a representatividade histórica, tudo isso faz dos seus textos livros sagrados de hominização do humano e redenção do absurdo. São lições artísticas de optimismo e vida, por sobre as sombras da barbárie de todos os tempos e lugares. Assim tem sido Mia Couto: uma lanterna literária e cívica à procura do humano nos escombros da desumanização.

Coimbra, 17 de Abril de 2012.

IRREALIDADES

de João Vaz de Carvalho
até 13 de Maio de 2012
n'A Moagem - Cidade do Engenho e das Artes

Casa Museu
Eugénio de Andrade
Póvoa de Atalaia

Cultura e desenvolvimento

Câmara Municipal

www.cm-fundao.pt

A grandeza de Mia Couto

URBANO TAVARES RODRIGUES
Escritor
Professor Catedrático da FLUL

O Mia Couto, escritor universal de uma sensibilidade mágica e poética que transcende todas as fronteiras de géneros, primando pela riqueza das mensagens vai, com a receção do prémio Eduardo Lourenço projetar-se, assim o espero, numa muita justa estrada de glória que só aos génios da palavra se abre franca e luminosa.

É com muita alegria e afeto que me associo à expansão do seu talento, da sua profunda humanidade, dando-lhe a moldura de uma sublime grandeza.

Testemunho breve

JOSE EDUARDO AGUALUSA
Escritor
Angola

Conheci o Mia Couto há vinte e tantos anos, pouco depois dele publicar em Lisboa o seu primeiro livro – "Vozes Anoitecidas". Dias antes eu escrevera uma recensão do mesmo para o semanário "Expresso". Tinha ficado imensamente impressionado com o livro. Por um lado com o estilo, que lembrava Luandino Vieira, mas era já uma outra coisa, muito mais iluminada. Impressionara-me ainda a capacidade de efabulação do jovem autor. Naquele livro já estava desenhado todo um projecto e todo um universo literário: a intenção de dar uma voz aos mais pobres dos moçambicanos. A intenção de aproveitar criativamente o erro. Nos livros seguintes, Mia não fez outra coisa senão alargar tal universo. Mais recentemente vem tentando depurar os seus textos, o que permite ver melhor a extraordinária trama dos romances. O que quero dizer, em suma, é que Mia Couto me parece um escritor completo, que associa um estilo próprio, único, a um grande talento de contador de estórias. Não surpreende, portanto, o reconhecimento internacional que vem merecendo.

... um vasto mundo de homens e mulheres

ZEFERINO COELHO
Editor

A primeira notícia que tive da existência e actividade de Mia Couto surgiu com a chegada à Editorial Caminho de um exemplar da edição moçambicana do livro de contos *Vozes Anoitecidas.* Não sei como o livro foi lá parar. O Mia Couto diz que foi enviado pela Maria Lúcia Lepecki. Não tenho nenhuma recordação disso. Mas lembro-me perfeitamente de ter o livro nas minhas mãos e de ter ficado muito impressionado com a pobreza da edição: o papel era péssimo, a impressão era muito precária, a paginação muito descuidada. Tinha o aspecto daquilo que se costuma deitar para o lixo por parecer lixo. No entanto, era uma pérola.

Nestes primeiros contos de Mia Couto aparece já em toda a sua força aquilo que viria a marcar toda a sua escrita futura – um profundo amor pela humanidade, ou melhor, pelos homens e mulheres concretos, em especial pelos que sofrem a sua condição de seres débeis, precários, confrontados com condições de vida extremas, no limite da sobrevivência.

Quando o livro saiu, nesse ano de 1987 – há 25 anos – decidi realizar uma sessão de lançamento em Lisboa, na livraria Barata. Imediatamente antes de a sessão começar a Vanda Ramos falou-me oferecendo-se para ler um dos contos do livro. Um pouco reticente, aceitei e, depois dos discursos habituais, passei-lhe o microfone. Vanda Ramos leu o primeiro conto do livro, com o título "A Fogueira". O público presente, umas quarenta pessoas, ficou fascinado com a beleza daquele relato, uma estranha história de amor em que o velho marido decide, antes de morrer, cavar a sepultura da mulher para que ela não fique insepulta.

Muita gente conhece Mia Couto como o escritor que "inventa palavras". Mas esse traço da sua escrita, sendo verdadeiro, é ao mesmo tempo muito enganador quanto à verdadeira natureza do que estamos a ler quando lemos Mia Couto. Porque por detrás dessas palavras, desses truques gramaticais, sintácticos e vocabulares, o que encontramos é a alma humana, que tanto pode ser o do velho moribundo apaixonado, a mulher violada, o rapaz sonhando que é um craque do futebol para impressionar uma determinada rapariga. Enfim, o que as habilidades formais de Mia Couto retratam é um vasto mundo de homens e mulheres que constituem em si mesmas uma humanidade inteira. E é isso que faz dele um dos maiores escritores contemporâneos, da nossa língua e não só.

"Miar a vida..."

ONDJAKI
Escritor
Angola

De aprender, foi na distância. Pelas leituras, o saborear das folhas a tecer memórias que ainda não tínhamos aprendido a lembrar. Tudo isto era espreitável nos livros de um senhor, de Moçambique, chamado Mia Couto.

O nome, tão simples, foi condizendo com a pessoa. Os olhos, o olhar, os modos. Fui, ao longo do tempo, cruzando-me com o escritor e com o homem. Olho-o de longe, em ternurenta atenção. Gosto de o olhar para ver se já terei visto. E ainda não vi. O homem. Vi o que ele deixa passar, aos poucos: da sua humildade que me parece inabalável; da sua cordialidade humana e profissional; do seu jeito de ter que se deixar encabular para que não encabule, nunca, ninguém.

O homem-Mia andava era a dar umas lições a quem quisesse ver ou escutar. Ou ler. Que a coragem se escrevia com a pena da prudência e da ousadia. Que havia que dizer, em modos brandos ou em palavras certeiras, o que havia que apontar aos políticos do nosso continente, a todos eles. Ainda que muitas vezes a voz do escritor moçambicano parecesse falar apenas do seu país. Para entendedor interessado, meias palavras bastam.

...

Muitas vezes penso que não sei a quem agradecer pelo que tenho lido e visto: o homem ou o escritor? A pessoa ou o artista? O poeta ou o Miológico?

Resta-me deixar o abraço de mais-novo a quem sempre se comportou como um verdadeiro mais-velho: pela compreensão, pelo companheirismo, pela generosidade calada que é uma espécie de sabedoria muito avançada.

Obrigado, Mia, por andares assim devagaroso a tentar espalhar estórias que nos devolvem ao nosso lado mais metafísico, mais humano. Gosto dessa tua biologia disfarçada de arte de miar a vida. Simplesmente. Devagarito.

Obrigado, Mia. Nós, os mais-novos, estaremos por perto, para o que te for necessário. E não esquecemos: cada teu personagem, é que é uma raça. Cada estória, uma outra vida.

Assim, te abraço. Perto de antigamente...

Mia Couto, Assaltante de Fronteiras

LÍDIA JORGE
Escritora

Mia Couto merece este prémio, e como todos os autênticos e grandes criadores, merece em princípio todos os prémios do mundo. Desde *Terra Sonâmbula* que desconfiávamos disso mesmo, mas ao longo do tempo a sua obra, renitente e luminosa, tem-se encarregado de nos retirar qualquer dúvida que houvesse. Livro após livro, Mia mexe na terra, na língua, no amor, na fantasia, e fá-lo com o engenho de quem não tem medo nem da autenticidade nem de criar uma modernidade própria. Dono de uma rara intuição e de uma notável capacidade de implantação da escrita na História, a sua obra ilumina o presente pela leitura ousada das contradições deste mundo, sendo capaz, numa só frase, de criar sínteses que provocam, e são esteios, tanto na vida íntima quanto na vida pública. Só o título *Cada Homem é uma Raça* contém o programa para uma civilização inteira.

Isto é, gosto do Mia, gosto do que escreve e ainda por cima, gosto do que pensa.

Na prática, Mia Couto cumpre aquilo que foi uma das definições de Kafka sobre o poder da Literatura, um assalto contra todas as fronteiras. Mia assalta as fronteiras de Moçambique falando da sua *terra abensonhada,* assalta-as fazendo viajar a sua narrativa de vida, transformada num poderoso passaporte, entre África, a Europa e o resto do mundo, usando para isso a sua língua de berço, a Língua Portuguesa. Melhor dizendo, transpondo as fronteiras da Língua Portuguesa, usando-a como entende, criando dentro dela uma língua própria, reconhecível como sua, mas uma língua pessoal que a todos serve, e a muitos ensina que uma das formas de ser livre consiste em inventarmos novas formar de dizer. Ainda bem, Mia, que a tua profissão de biólogo não te entrega à literatice vã que a muitos empurra para lindamente se escrever sobre nada. Que a vivência do teu maravilhoso país, muitas vezes envolvido em memórias de sangue e em cheias, constitui a tua matéria viva. Ainda bem que a escuta da Terra, que fazes pelos matos dentro, te revela o coração profundo dos homens e tu escutas as histórias das suas lutas com a distância e os animais, como sempre assim foi, e sempre assim será, para nos falares deste animal estranho, despido e nu, e no entanto armado até aos dentes, que somos nós próprios. Obrigada, Mia. Que este prémio que leva o nome do nosso maior filósofo, ensaísta, criador, poeta do pensamento, que é Eduardo Lourenço, sirva para saberes que muitos te agradecem a tua grande obra, mágica e digna.

JF/CAMILA LAM

Escritor-Biólogo, Biólogo- Escritor

ARNALDO SARAIVA
Escritor
Professor Catedrático
Universidade do Porto

Entre gente das letras Mia Couto gosta de lembrar que é biólogo. E talvez entre gente da biologia ele tenha de lembrar, mesmo com a sua fama, que é escritor.

Há toda a pertinência nessa chamada de atenção, se ela não visa intuitos desculpabilizantes, atenuantes ou diletantes. A s duas actividades, a de escritor e a de biólogo, são complementares, ou solidárias, porque lidam essencialmente com a vida (bios), num caso de modo directo, no outro pela intermediação das palavras.

Lembre-se, aliás, que há uma biologia da linguagem, ainda pouco estudada mas não menos fascinante do que outras espécies de biologia, seja a molecular, a genética, a zoologia, a botânica, a bioquímica, ou ainda outras como a etologia, a etnologia e a ecologia, tão do agrado do autor de Estórias Abensonhadas. E lembre-se o que dizem alguns poetas, menos metaforicamente do que pode parecer:"palavras somos nós".

Mas o escritor biólogo ou o biólogo escritor Mia Couto já há muito se tornou especialista de "escrevências" que vivificam – é o termo – a sua e nossa língua portuguesa, que dão vida às palavras, que ligam as palavras à vida, e que melhor se diriam "escrevivências". Ele mesmo lembrou: "Só quando a vida adopta a invenção, porque dela se pode servir, é que a palavra do escritor sobrevive e abandona o ninho onde nasceu. A vida (que é a melhor escritora) vai ditando as normas, as modas e os tiques da nossa linguagem".

Enganam-se pois os que se limitam a assinalar os seus jogos de palavras, as suas frases desfeitas, os seus neologismos, os seus modismos, as suas descobertas e invenções semânticas e morfo-sintácticas. Na realidade, as suas criações ou as suas "brincriações" linguísticas, como as do seu mestre, e de Luandino, e de tantos outros (e de todos nós) Guimarães Rosa, se por um lado dão conta de um trabalho da imaginação e de uma energia que investe contra a leveza, a banalidade e a boçalidade, tão dominantes em legiões de escritores ou escribas até de sucesso, por outro lado parecem corresponder a uma vontade e a uma ideologia de mudança salutar que convida a fazer o novo a partir do antigo, e a passar do texto para o co-texto, pois, embora nalguns casos possam parecer gratuitas, na maior parte das vezes essas inovações apoiam-se na velha língua culta, popular e regional portuguesa mas também se valem de outras línguas ou linguagens, até de bichos, e apontam para os matos, para os sertões e para as selvas urbanas de Moçambique e do mundo, seja ele português, brasileiro ou norte-americano.

Os romances, os contos, as crónicas, e os poemas de Mia Couto falam de uma natureza - geológica, geográfica, metereológica, zoológica, vegetal . . . - por vezes pujante e mágica, por vezes muito adversa e caprichosa, mas falam, como se fossem orais, como se saíssem directamente do corpo vivo, sobretudo da natureza humana, em especial dos humildes, dos inocentes, dos ignorantes, dos desprotegidos, dos meninos e dos velhos (quando não dos "meninos velhos" ou dos velhos meninos) – que convivem com poderosos, exploradores, sabichões e chicos-espertos, responsáveis quase nunca responsabilizados por guerras, injustiças, crimes, misérias, e até por atentados ecológicos. Falam com palavras enérgicas e expressivas que encantam, comovem, estimulam a ética e a solidariedade, e suscitam o espanto, o inconformismo e a indignação.

Por muito que se ocupe de palavras, o autor de Cada Homem é uma Raça sabe que também há vida para além ou para aquém delas; sabe que a vida no mundo ou dentro de cada pessoa é plural, complexa, misteriosa, precária, incerta, exactamente como as palavras que, como ela, exigem muita atenção e esforço na luta pela sua dignidade e beleza.

E é evidente que para Mia Couto, escritor-biólogo ou biólogo-escritor, as palavras só prestam se captam, capturam, defendem, transportam e exaltam – a vida.

Mia Couto e a poesia do Brasil inventado

RITA CHAVES
Universidade de S. Paulo

O meu país tem diversos dentro, profundamente dividido entre universos culturais e sociais variados. Sou moçambicano, filho de portugueses, vivi o sistema colonial, combati pela independência, vivi mudanças radicais, do socialismo ao capitalismo, da revolução à guerra civil. Nasci num tempo de charneira, entre um mundo que nascia e outro que morria. Entre uma pátria que nunca houve e outra que está nascendo.
*Mia Couto (**Encontros e encantos** - Guimarães Rosa)*

Passageiro de um mundo em evidente transformação, Mia Couto, como aponta as palavras que escolhemos para epígrafe, reconhece a fronteira como uma das matrizes de seu trabalho, consciência que faz do trânsito sua condição. Negá-lo, sua escrita ensina, seria atentar contra a energia de um universo em convulsionada mudança. Em sua obra podemos ler que é desse modo que ele vê o seu país, o continente africano, o planeta, espaços variados a requererem atenção e cuidado do seu olhar de biólogo que espreita e examina cada pedaço. Nas linhas e entrelinhas, espalham-se ressonâncias da voz do narrador de um dos belos contos de Vozes anoitecidas a esclarecer: "quando conto minha história me misturo, mulato não de raças, mas de existências".

Dividido entre duas indisciplinas, a biologia e a literatura, Mia Couto confronta-se com o compromisso de intervir nessa pluralidade espacial que, a um só tempo, torna-se desafio e razão de deleite, ponto de partida para alguns descaminhos que integram a rota a seguir. Assim podemos compreender a diversidade de gêneros que sua produção exercita. E não me refiro apenas à divisão em livros de poemas, contos, romances, crônicas, narrativas voltadas para crianças, trabalhos com o teatro. Penso, sobretudo, na capacidade de mesclar as modalidades num só texto, desarranjando a vocação classificatória de que nosso conhecimento acadêmico tantas vezes se orgulha. Na falsa espontaneidade, que pode atrair o leitor ingênuo, cuja importância não deve ser minimizada, insinua-se também a estratégia, esta nada ingênua, de fazer da invenção um gesto revelador. E ali, sob o canto sedutor, devemos procurar o sentido das trapaças que compõem as vidas que ele nos conta. No exercício de contar, a busca da originalidade não pressupõe isolamento, antes aceita ou mesmo cultiva a porosidade.

Em sábia observação sobre a atividade literária na América Latina, Angel Rama, um extraordinário crítico uruguaio, afirma que "Robinson Crusoé não é um mito representativo do escritor". Efetivamente, da síndrome do homem isolado que inaugura o mundo, Mia Couto não padece. Distingue-o, aliás, a capacidade de escolher bem as companhias e ao lado delas definir a sua própria viagem, munido da bagagem que é por ele organizada. Nessa independência dissociada de qualquer traço de arrogância reside também a sua criatividade. Que por ser inequívoca, sabe - e gosta de - reconhecer o valor de outros e, sobretudo, identificar o papel de outros em sua formação. Com a literatura brasileira, por exemplo, são muitos os sinais do tributo assinalados. Começa lá atrás: num dos capítulos antigos da história de desterros impostos pela opressão colonial, ele encontra Tomás Antonio Gonzaga e situa na casa da Ilha de Moçambique habitada pelo inconfidente mineiro o nascimento da poesia moçambicana: "Nos demorados serões da casa colonial se juntava a gente culta da Ilha e o homem declamava poesia. Esses serões faziam nascer o primeiro núcleo de poetas e escritores na Ilha de Moçambique."

O itinerário da literatura em Moçambique, já em meados do século XX, cruzar-se-ia com a aspereza aguda do colonialismo, instituindo-se no confronto com as tábuas da dominação social e da discriminação racial. Se o colonialismo procurava apoio nas falácias lusotropicalistas de Gilberto Freyre, os escritores encontraram Jorge Amado e sua literatura abrindo a hipótese de outras interpretações da mestiçagem, acenando com a possibilidade de uma sociedade efetivamente diversa. Arguta e sensivelmente, Mia sintetiza: "Jorge não escrevia livros, ele escrevia um país. E não era apenas um autor que nos chegava. Era um Brasil todo inteiro que regressava a África. (. . .) E nós precisávamos desse Brasil como quem carece de um sonho que nunca antes soubéramos ter. Podia ser um Brasil tipificado e mistificado mas era um espaço mágico onde nos renascíamos criadores de histórias e produtores de felicidade."

Ao fascínio provocado por Jorge Amado, somou-se o reconhecimento da força de outros poetas como Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Manuel de Barros e Adélia Prado. E, seguindo as pistas que ele não sonega, vamos chegar ao diálogo percebido como essencial: João Guimarães Rosa, que lhe foi apresentado por José Luandino Vieira. Na diversidade das trajetórias dos três autores, o trabalho com a linguagem exprime um ponto de convergência pautado pelo exercício da contravenção. Ou, apropriando-nos de uma expressão a que recorre o escritor moçambicano, podemos indicar o "desafio do desequilibrista".

De Rosa, ele declara ter recebido a poesia, cuja emergência o faz sair do mundo, movimento necessário para enxergá-lo em profundidade. Na companhia do mineiro, Mia faz da desobediência às normas a base do ato criador que permite escapar à ditadura da realidade e, ao mesmo tempo, fercundar o solo que propicia a sua transformação. Não se trata apenas de adaptar a língua a partir da construção de neologismos, mas de investir na criação da linguagem e com ela apurar a capacidade de revelar todos os mundos que compõem o seu. Como Rosa, Mia Couto estabelece uma cumplicidade viva com a teimosa imaginação; como Rosa, deposita na margem a crença fundamental para fundar outras lógicas e com elas ler e escrever as nações que o seu país abriga.

Comungando com os poetas e ficionistas brasileiros a sensação de exílio que experimenta todo escritor em territórios de tantos "dentro" e tão pouco leitores, Mia Couto enfrenta a clandestinidade que protege a literatura da funcionalidade estéril. Ao vê-los como companheiros de rota, o autor moçambicano ajuda-nos a recompor a imagem de um país que também se beneficiou da extraordinária violência que a História impôs à África. O Brasil inventado que, segundo ele, lhes ofereceu um sonho, nutriu a utopia e ressurge na fala de tantos escritores africanos empenhados na libertação nos alimenta a vontade de encontrá-lo também aqui, a oeste do Atlântico, nas dobras do nosso cotidiano. Ao convite à subversão que o escritor moçambicano formula - também no culto da autonomia que o faz eleger a linhagem a que pertence – os leitores que se multiplicam do lado de cá aderem celebrando sua obra. E, também como ele, sobretudo pela poesia que nos traz, a Mia Couto, mais uma vez, devemos agradecer. À maneira de sua terra, reiteramos: khanimambo!

As janelas que Mia Couto abriu: uma vista para Moçambique e para o mundo

CRISTINA COSTA VIEIRA
Professora do Departamento de Letras da UBI

As letras moçambicanas têm enriquecido a lusofonia com escritores maiores. Veja-se José Craveirinha, merecedor do Prémio Camões, ou Mia Couto, que a editorial Caminho divulga entre nós. Este último autor tem-se celebrizado pela mestria das suas múltiplas colectâneas de contos, como *Vozes Anoitecidas* (1986) ou *O Fio das Missangas* (2004), ainda que outros géneros o seduzam, e nos quais se mostra igualmente versátil, como o género lírico (Raiz de Orvalho e Outros Poemas, 1983), o romance (*Terra Sonâmbula*, 1992) e a crónica (*Pensatempos*, 2005). De facto, a qualidade de uma obra tem de se impôr quando honras tão variadas quanto o Prémio da Associação dos Críticos de Arte de São Paulo (1996) e agora o Prémio Eduardo Lourenço lhe são concedidas. Sublinhe-se que este último é atribuído pela primeira vez a um autor não luso, tendo também Mia Couto sido o primeiro escritor africano de língua portuguesa a ingressar na Academia Brasileira de Letras.

Para o leitor português, Mia Couto revela um imaginário africano (*Terra Sonâmbula*), mas também universal, a exemplo do romance *Jesusalém* (2009) e não só, pois aquele existe onde quer que haja estranhezas ou crueldades. Símbolo dessa condição é o início do conto «A Rosa Caramela», da colectânea *Cada Homem É uma Raça* (1990): «Dela se sabia quase pouco. Se conhecia assim, corcunda-marreca, desde menina. Lhe chamávamos Rosa Caramela. Era dessas que se põe outro nome. Aquela que tinha, de seu natural, não servia. Rebaptizada, parecia mais a jeito de ser do mundo. Dela nem queríamos aceitar parecenças. Era a Rosa. Subtítulo: a Caramela. E ríamos. § A corcunda era a mistura das raças todas, seu corpo cruzava os muitos continentes.» (p. 15). Mia Couto é assim: gentil nas palavras, mas não omisso quanto às cruas realidades de todos os lugares.

Mas a escrita miacoutiana também se singulariza pelos famosos neologismos, talvez resultantes de um convívio com o multilinguismo (que permite ver a língua mais de fora), e pelos mundos fantásticos, cacimbados de oralidades moçambicanas transpostas para a escrita. Daí que a mestiçagem da sua palavra seja mais abrangente do que o domínio linguístico. Ela traduz a mescla de tradições não apenas africanas, mas onde o substrato moçambicano se revela. Veja-se este trecho do conto «A lenda da noiva e do forasteiro», incluído na colectânea já citada: «Todos reconheceram a mágoa de Nyambi. E recordaram como, em sua adolescência, o jovem se indecidia. Pois ele se demorara de mais na aplicação do seu afecto. Parecia ter o coração num bocejo: seu desejo não parecia nem despontar. Os mais velhos se preocuparam: devia de ser chicuembo, maldição pesando sobre o rapaz. Fizeram a cerimónia para limpar a má-sorte.» (p. 139).

Por conseguinte, se Portugal quase não existe para os Moçambicanos no seu dia-a-dia, como confessa Mia Couto em artigo da Janus (1998), a obra deste escritor tem, em terras lusas, aberto janelas para Moçambique e para o mundo.

Mia Couto: "O outro lado das palavras e a busca do humano"

CARMEN LUCIA TINDÓ RIBEIRO SECCO
UFRJ e CNPq - Brasil

A primeira vez que tomei conhecimento da obra do escritor moçambicano Mia Couto foi em 1992. A leitura de *Terra Sonâmbula*, *Vozes anoitecidas* e *Cronicando* foi decisiva para eu abraçar, definitivamente, o trabalho com as literaturas africanas. Até então, eu lecionava língua portuguesa e literatura brasileira. Em 1993, ingressei na Universidade Federal do Rio de Janeiro, a UFRJ, como Professora Adjunta de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Daí em diante, África tomou conta de minha vida e me dediquei ao estudo das letras dos países africanos de língua oficial portuguesa. Segundo uma personagem de Mia Couto, em A varanda do frangipani, "A África vaza a alma da gente e não há volta".

A linguagem dos romances e contos de Mia Couto me encantou, pois, além do ludismo e da artesania verbal, expõe lúcidas reflexões que não só discutem a guerra e a política, mas também a vida, as emoções e os sentimentos primordiais do homem.

Outro aspecto que me despertou interesse pela obra desse escritor foi a possibilidade de diálogos intertextuais com autores brasileiros, como Guimarães Rosa, Manuel de Barros e outros – viés bastante explorado pela crítica literária no Brasil.

Mia Couto é um pensador múltiplo: das letras e da história; das tradições e da modernidade; da guerra e dos afetos; de Moçambique, da África e do mundo. Pensa o tempo e o humano, a vida e a morte. Poesia e humor se entrelaçam em sua escrita, cujo tom poético, por vezes, também irônico, não perde a acuidade reflexiva que põe em dúvida as "certezas científicas", com a arte de recriar palavras, colocando-as em estado de poesia.

Em 1997, o escritor Mia Couto esteve na minha Universidade e declarou que fazia amor com a língua portuguesa, não a saída do Tejo, porém a que aportara em Moçambique, se sujara com a terra moçambicana e se mestiçara. Os alunos se sensibilizaram ao ouvi-lo e ao assistirem a encenação do conto "Sangue da avó, manchando a alcatifa", do livro *Cronicando*, feita por uma aluna da UFRJ.

Esse conto, de modo instigante e inovador, denuncia a mutilação da cidade de Maputo pela guerra e pela pressão produzida pelo capitalismo multinacional, ao mesmo tempo que reinventa, pela linguagem, aspectos das tradições locais, desvelando a visão africana da existência, segundo a qual o natural e o sobrenatural se intercambiam em constante interação. O texto, iniciando-se por uma série de provérbios invertidos semanticamente, opta, em seu primeiro parágrafo, pela "técnica do desenredo", cuja função é a de anunciar o caráter desconstrutor do texto. O chiste quebra o esperado e põe em questão as "verdades acabadas", desafivelando a imaginação e desalienando o pensamento.

Nas obras de Mia Couto, o escrever se torna ato amoroso e afeta quem o lê. A linguagem é urdida com arte, consciência, criatividade. A imaginação se faz veículo de subversão e resistência. Repito sempre uma frase do escritor que muito me faz pensar: "quem imagina é porque não se conforma com o real estado da realidade". Imaginar, portanto, pressupõe transgressão e inconformismo, questionamento e crítica.

Em 2009, na cidade de Maputo, tive a oportunidade de participar de um programa, denominado "Noite dos Abraços", com Mia Couto. Foi importante, porque pude constatar como o escritor é admirado em seu país, como conhece e é ligado aos mitos e costumes locais, assim como também seu discurso alcança dimensões existenciais ao abordar questões humanas. Um dos pontos nevrálgicos de sua ficção é, a meu ver, esse olhar múltiplo que faz contracenarem o particular e o geral.

Mia Couto é um grande escritor não só de Moçambique, mas da língua portuguesa e do mundo. Os muitos prêmios por ele recebidos comprovam a imensa qualidade de sua obra. É também um grande pensador, pois toca no coração dos leitores, descortinando o que se encontra por trás do visível. Pensar é justamente isso: ultrapassar o esperado e o senso comum, atingindo a "terceira margem". Escrever, para Mia Couto, é, por conseguinte, ir além do enunciado, buscando "o outro lado das palavras", ou seja, o tecido sonhos que ficaram obscuros e silenciados, à margem do tempo e da história.

Mia Couto, poeta lusitano

ALFREDO PÉREZ ALENCART
Professor da Universidade de Salamanca

Además de España y Perú, hay tres países que mucho pueden con mi voluntad y mis deseos: Portugal, Brasil y Venezuela. Estas semanas tengo demasiados encargos de prólogos, artículos, libros… sin contar mis clases, los trabajos de los estudiantes… Sin contar que, después de meses, estoy escribiendo nuevos poemas…

Comento estos hechos esenciales, pues de Portugal me llegó un pedido para escribir sobre el escritor mozambiqueño Mia Couto, VIII Premio Eduardo Lourenço, que otorga el Centro de Estudios Ibéricos de la Universidad de Salamanca y el Ayuntamiento de Guarda. En un principio dudé de aceptar tan gentil invitación, primero por mis ocupaciones, y segundo, porque no había leído sus novelas, por las que ciertamente se ha hecho conocido. Pero recibí un correo de mi amigo Fernando Paulouro, director del Jornal do Fundao, insistiéndome. Luego 'descubrí' que Mia Couto era poeta y quedé encantado de poder hablar sobre esta vertiente de su obra. Conocí al grande Antonio Paulouro, su tío, patriarca del periodismo portugués, y he visto cómo Fernando sigue su estela en cuanto su apoyo decido a las expresiones culturales.

Mia Couto es Poeta. Lo presentarán como cuentista o novelista, pero comenzó como poeta (ahí está su libro *Raíz de rocío*, de 1983) y como poeta terminara sus días. Mucho podría decir de sus creaciones, de esa doble vertiente temática orbitando entre lo tanático-vivificante (permítaseme esta aparente contradicción) y lo amatorio que pesa demasiado aunque eleva en vuelo único. Pero no seguiré con disquisiciones o conjeturas. El mejor homenaje que le puedo hacer es darle 'Hospedaje' en mi castellano. Que conozca, no tiene poemas trasvasados al español. Aquí le envío algunos textos suyos que yo entrañé para mostrarlos por este lado de Iberia.

Tiempo final: "Nada se muere/ cuando corresponde// Sólo es un traqueteo/ en el camino por donde ya no transitamos// Todo se muere/ cuando no es el momento preciso/ Y nunca es/ ese momento".

Destino: "A la poca ternura/ me voy acostumbrando/ mientras me pospongo/ sirviente de daños y engaños// Voy perdiendo morada/ en la súbita lentitud/ de un destino/ que me va siendo escaso// Conozco mi muerte/ su lugar esquivo/ su diferente acontecer// Ahora/ ¿qué más/ me puede vencer?

Para Ti: "Fue para ti/ que deshojé la lluvia/ para ti solté el perfume de la tierra/ no toqué nada/ y para ti fue todo// Para ti creé todas las palabras/ y todas me faltaron/ en el minuto en que tallé el sabor de siempre// Para ti di voz/ a mis manos/ abrí los gajos del tiempo/ asalté el mundo/ y pensé que todo estaba en nosotros/ en ese dulce engaño/ de todo sentirnos dueño/ sin tener nada/ simplemente porque era de noche/ y no dormíamos/ yo descendía en tu pecho/ para buscarme/ y antes que la oscuridad/ nos ciñese la cintura/ quedábamos en los ojos/ viviendo de uno solo/ amando de una sola vida".

Fui sabiendo de mí: "Fui sabiendo de mí/ por aquello que perdía// Pedazos que salieron de mí/ con el misterio de significar poco/ y de valer sólo cuando los perdía// Fui quedando/ por umbrales/ a este lado del paso/ que nunca osé// Y vi/ un árbol muerto/ y supe que mentía".

Poema de despedida: "No sabré nunca decir adiós// Por último,/ sólo los muertos saben morir// Aún queda todo,/ sólo nosotros podemos ser// Tal vez el amor,/ en este tiempo,/ todavía sea rápido// No es este sosiego/ lo que yo quería,/ este exilio de todo,/ esta soledad de todos// Ahora/ no queda de mí/ lo que sea mío/ Y cuando intento/ el improductivo invento de un sueño/ todo el infierno viene a mi boca/ Ninguna palabra/ alcanza al mundo, ro sé/ Aún así, escribo"

Nocturnamente: "Nocturnamente te construyo/ para que seas palabra de mi cuerpo/ pecho que en mí respira/ mirada donde me desnudo/ En el suspiro de tu carne/ me inicio/ me anuncio y me denuncio / Ahora sabes a lo que vengo/ y por eso me desconoces".

A Literatura e a mestiçagem das culturas

DANIEL LACERDA
Diretor de "Latitude", França

As literaturas de língua portuguesa conheceram nas últimas décadas uma divulgação em França como jamais. A portuguesa deve somar mais de trinta romancistas cuja obra foi dada ai a conhecer, e autores angolanos, moçambicanos e cabo-verdianos acompanharam a mesma dinâmica. Não é por acaso que Mia Couto, cuja escrita traduz com talento o imaginário moçambicano, se afirma igualmente como um dos ficcionistas mais conhecidos e apreciados. Alguns factores contribuíram para este triunfo das letras lusófonas junto do curioso e culto público de França*.

Colocamos entre o principal factor a presença de uma numerosa população de língua portuguesa no Hexágono gaulês. Não só enquanto leitores mas por outros motivos derivados da sua presença. Por um lado, enquanto estimuladores do ensino do português, levando a que se encontrem ainda hoje – que o número de jovens lusófonos diminui nos diversos ciclos escolares - mais de uma trintena de Universidades que ministram o ensino da língua portuguesa e da cultura dos diferentes países da Lusofonia. Por outro, enquanto agentes, junto das camadas sociais que frequentam, de referências aos seus países, suscitando a curiosidade ou a motivação da descoberta em direcção dos mesmos.

Juntemos a este factor** o natural apoio prestado à tradução pelo Estado e a Fundação Gulbenkian. Nomeadamente os regimes políticos de esquerda souberam reconhecer o papel da acção cultural e literária enquanto introdutora de trocas turísticas e comerciais. Sob esta base social, ergueram-se algumas grandes iniciativas de promoção como os Salões do Livro, dedicados a Portugal e ao Brasil, Les Belles Étrangères, as quais se apoiaram em algumas figuras de proa desse período: o prémio Nobel José Saramago, o inesgotável Fernando Pessoa e o surpreendente Lobo Antunes, a que se junta um Jorge Amado, com raízes mais antigas. Surgido na vida literária enquanto jornalista com a conquista da independência de Moçambique (1975), Mia Couto pertence à geração posterior afirmando-se ao fio dos anos como um escritor multímodo, poeta, romancista, contista e cronista, que retoma, aliás com sucesso, a tradição dos intelectuais intervenientes na vida sócio-política, através de comunicações ou cartas-abertas, contra as grandes indignidades do nosso tempo. Praticamente toda a sua obra se acha publicada em França, pelas melhores editoras. A escrita de Mia Couto agrada aos franceses, mau grado o embaraço dos tradutores para encontrarem equivalentes aos seus neologismos. A sua costela de poeta, na elegância elíptica das suas intrigas, sem a densidade dos novelos matriarcais de Paulina Chiziane – romancista moçambicana igualmente admirada pelos franceses -, junto ao exotismo do imaginário africano da costa Leste, emprestam à sua obra uma originalidade sem paralelo. Esse bom gosto do seu estilo literário estriba-se numa personalidade particularmente culta e exemplar pela integração do cruzamento de heranças ocidentais e africanas, que para nós relevam da mestiçagem das culturas que o antropólogo Gilberto Freyre soube destacar e, nos nossos dias, Serge Gruzinski continua a demonstrar as virtualidades. Isso não impede, porém, que a velha Europa, ainda vinculada ao neocolonialismo, a combata. Daí que através do literário, Mia Couto, além do mais, pela sua sensibilidade, seja um intérprete das ideias que forjam o homem do futuro.

---

* Dizemos "de França", dado o carácter cosmopolita da sociedade gaulesa, a qual, além dos lusófonos, integra muitas outras nacionalidades.

** Podíamos acrescentar ainda a função divulgadora e de entrosamento social do importante movimento associativo lusófono; a atenção oriunda de editores parisienses como Métailié, Chandeigne, Christian Bourgois, etc.; e ainda o papel da imprensa cultural da "emigração".

O lugar da fala

PAULO ARCHER
Investigador

A dimensão autêntica da Ibéria não estanca as fronteiras nem se estanca nas fronteiras da península. O rumo das falas e das escritas, mar dentro, seguiu e segue para todas as paragens. A língua tem agarrada a história, é um laço que não cede, e por mais que o mundo se desenvencilhe desses percalços do passado, acidentes, contingências, a língua seguiu rumo fora para as paragens que a ignoravam. E então entendeu-se, deu-se, aos seres que as falam e as escrevem, como se fossem bocados de terra sem imaginários outros que não a sua adequada e ilusória existência.

O significado da atribuição do prémio da *Iberografias* a Mia Couto, cultor maior do seu tempo vivo, tem essa significância que nos exige e nos obriga: as fronteiras, rios e montanhas imaginárias e reais que unem e dividem os seres, nada significam se as línguas forem vivas e se forem apropriadas, quer dizer, amassadas com o viver que lhes dá vida. Vai bem o trilho traçado por Eduardo Lourenço. Quebrar a escassez, erguer da secura longínqua que nos une, o amplo mar das diversidades e das identidades. E dar à Ibéria, configuração flutuante sem outra âncora que a sua existência mítica e fascinante, um lugar onde as redes dos barcos se emalham e as rotas dos ventos se cruzam e se desprendem em «comunidades imaginárias» que se sentem no sibilar dos sons e no amanhecer das ideias.

Um grande escritor, como Mia Couto, compreenderá melhor o sema que lhe atravessa a escrita. Nada somos sem fala, apátridas da memória em busca do olvido. E o único exílio que nos é impossível manter, como Hölderlin sustentou, é o da memória, mesmo aquela subtil reminiscência das coisas e das pessoas que não vivemos. É o regresso a casa, de outro modo, como se a casa não tivesse tecto mas apenas o lugar da fala.

cei
Centro de Estudos Ibéricos

Um património sem fronteiras
CEI
Conhecimento, Cultura, Cooperação

"Além de uma instituição de tipo cultural, este Centro é uma instituição especial de um tipo novo. Hoje pólo modesto, mas já importante, e espero que no futuro cumpra a sua missão: cultivar os laços que nos ligam historicamente à nossa vizinha Espanha e particularmente àquela que nos está mesmo em frente e com a qual nós coexistimos ao longo dos séculos. Isto é realmente qualquer coisa mais gratificante além do que eu podia imaginar." **Eduardo Lourenço**, *Director Honorífico do CEI* (2008)

"O Centro de Estudos Ibéricos será sem dúvida um factor de desenvolvimento através dos seus projectos de investigação e de cooperação transfronteiriça. Pode ser uma base para o desenvolvimento de outras e necessárias actividades porque o conhecimento e a informação são dos mais sólidos alicerces do futuro de todos nós." **Jorge Sampaio** *Presidente da República* (2002)

"As duas Universidades acharam por bem aceitar o desafio da Câmara Municipal da Guarda e encontrarem-se a meio caminho para trabalharem em comum temas com interesse para os seus territórios e os seus povos, mas muito particularmente, temas que envolvam problemáticas fronteiriças. Assim surgiu "o espírito da Guarda", um espírito de encontro e de abertura, um espírito de realização de trabalho científico, mas também da sua difusão." **Fernando Rebelo** *Reitor da Universidade de Coimbra* (2002)

"Guarda significa guardar, proteger. Mas a Guarda não tem que proteger fronteiras; o que a Guarda tem que proteger agora são as relações entre Espanha e Portugal, garantindo as relações entre as regiões que lhe são mais próximas, entre Coimbra e Salamanca, neste caso." **Ignacio Berdugo de la Torre** *Reitor da Universidade de Salamanca* (2002)

"O Centro de Estudos Ibéricos é um projecto irreversível porque assenta na vontade política e no compromisso de prestigiadas instituições para que se consolide como uma linha de grande transcendência académica e científica, esbatendo fronteiras e unindo culturas." **Maria do Carmo Pires Almeida Borges** *Presidente da Câmara Municipal da Guarda* (2002)

"Só quem ainda se recorda do modo como a fronteira entre Portugal e Espanha constituía um muro entre povoados que pouco ou nada sabiam uns dos outros, por mais pequena que fosse a distância a separá-los, poderá dar o devido valor ao empenho no diálogo e na cooperação transfronteiriça que este prémio representa. A cidade da Guarda compreendeu perfeitamente as transformações profundas que os novos tempos exigem. Soube apostar no conhecimento." **Aníbal Cavaco Silva**, *Presidente da República* (2008)

Apoio:
UE
FEDER
Investimos no seu futuro

O geógrafo heterodoxo e sua imaginária geografia

RUI JACINTO
Universidade de Coimbra
Comissão Executiva do CEI

"o mais remoto deserto, a mais impenetrável floresta foram sendo povoados com os nossos fantasmas. E hoje todos os lugares começam por ser nomes, lendas, mitos, narrativas. Não existe geografia que nos seja exterior. Os lugares – por mais que nos sejam desconhecidos – já nos chegam vestidos com as nossas projecções imaginárias. O mundo já não vive fora de um mapa, não vive fora da nossa cartografia interior." (Interinvenções: 78)

A vasta obra publicada por Mia Couto, repartida entre a poesia (3 livros), o conto (6), o romance (9) e a crónica (4), confronta-nos com as diversidades e disparidades do mundo em que vivemos, desenha um universo rico e complexo donde emanam referências fundamentais para que possamos ler as suas contradições sem a resignação ou os limitados horizontes que os cânones vigentes tentam impor. A insuficiência do vocabulário disponível para o interpretarmos, para comunicarmos com o outro ou o compreendermos no seu próprio contexto, levou o autor a adoptar palavras e a recriar expressões, de fabrico próprio ou provenientes de outras línguas, normalmente subalternizadas pelas dominantes, para conferir dinamismo e acutilância ao estafado léxico que exprime as ideias impulsionadoras das indispensáveis transformações sociais.

Como o geógrafo usa à bússola para encontrar o rumo certo e o pastor as estrelas para se orientar, as palavras com que Mia Couto baptizou os livros que deu à estampa funcionam como coordenadas fictícias da sua geografia imaginária. Os termos utilizados delimitam a sua praia, configuram o território de pertença onde se inscrevem as referências matriciais, reais e simbólicas, que definem uma telúrica identidade, qual rosa-dos-ventos, necessariamente irregular, em cujas pontas encontramos: terra (*Terra sonâmbula, Nascer da Terra*), água (rio, chuva, orvalho), animais (sereia, flamingo, leoa), arvores (raiz, frangipani); mas, também, mesmo quando ficcionadas, pessoas (*Cada homem é uma raça*, tradutor) e lugares (cidades, *Berma de nenhuma estrada, A varanda do frangipani, Jesusalém*). Esta cosmografia ficaria incompleta sem as dimensões imateriais da magia (dividades, *Venenos de Deus, Remédios do Diabo*) e do imaginário africano (*O fio das missangas*) sem a incorporação de aspectos telúricos (tempo, casa, Antes de nascer o mundo) e outras dimensões igualmente intangíveis (*Vozes anoitecidas, Estórias abensonhadas*).

A ficção de Mia Couto, que outros abordarão com mais competência e proveito, não deixa de ser contaminada pela sua formação cientifica (*"Sou um biólogo mas não moro, a tempo inteiro na casa da ciência"*), permeável à actividade profissional formal (professor e especialista na área do ambiente), a um forte comprometimento cívico e social. A água, a terra, as arvores e os animais são referências que ligam o biólogo ao seu departamento original: *"Estou deitado sob a grande maçaniqueira na margem do Madzimi. Aqui o rio se adoça, em redondo cotovelo, num quase arrependimento. Esta é a arvore onde o Avô Mariano vinha espraiar preguiças. (...) Recostado sobre o tempo, o velho Mariano ajudava a ensopar o poente. Consoante ele dizia: a tarde é o sonolento bicho, necessita de lugar macio e húmido onde cair. O enterro do sol, como o do vivente mal-morrido, requer terra molhada, areia fecundada pelo rio que tudo faz nascer"* (**Um rio**...: 257).

As paisagens físicas e humanas são caracterizadas em certas páginas como o melhor geógrafo não enjeitaria fazer, a savana descrita como se permanecesse selvagem, intacta, conservasse aquele estado de pureza inicial que apenas imaginamos existir em África. Noutros trechos, o heterodoxo geógrafo cede o olhar a outras ciências, observa este mesmo meio com a perspectiva do antropólogo, do historiador, do etnólogo ou do sociólogo para acrescentar novas legendas aos retratos que vai colorindo: *"Na verdade não nasci em Jususalém. Sou, digamos, emigrante de um lugar sem nome, sem geografia, sem história. Assim que minha mãe morreu, tinha eu três anos, meu pai pegou em mim e no meu irmão mais velho e abandonou a cidade. Atravessou florestas, rios e desertos até chegar a um sítio que ele adivinhava ser o mais inacessível. Nessa odisseia cruzámos com milhares de pessoas que seguiam em rumo inverso: fugindo do campo para a cidade, escapando da guerra rural para se abrigarem na miséria urbana"* (**Jesusalém**: 21).

Gentes, memórias e lugares, mesmo os não georreferenciáveis, dão conteúdo a uma geografia literária que incorpora cores, cheiros, saberes, sabores, viagens, vivências e, sobretudo, sentimentos, como os que se estabelecem entre as pessoas e os sítios com que mais se identificam. Os livros estão impregnados duma perceptível topofilia, como é entendida por Yi-Fu Tuan, presente quando discorre sobre a perceção, atitudes, valores do meio ambiente, tantas vezes analisado a partir de diálogos entre contrários, à luz de oposições binárias entre terra e céu, velhos e novos, macho e fêmea, urbano e savana, montanha e mar, mortos e vivos, etc.. Ao evidenciar o profundo apego dos personagens às suas origens, ao meio natural e construído, isto é, às pequenas pátrias a que ficamos perenemente ligados por indizíveis laços afetivos, a sua obra acaba atravessada por uma evidente geografia humanista.

As complexas teias de relações económicas, sociais, culturais e políticas africanas mergulham, através de Mia Couto, no mais profundo da alma moçambicana, são devidamente adaptadas às especificidades do país e ao caráter das suas gentes, constituem o pano de fundo dum universo literário onde realidade e ficção acabam confundidas. Cada livro inédito é um novo roteiro de viagem, guia para um novo contexto sócio-espacial, introdução a uma problemática diferente, abrindo outros caminhos rumo a um mesmo destino. A avaliar pela presença da palavra nos seus livros, a geografia parece ser a mais recente ilha do arquipélago do autor, adquiriu alforria apenas nas últimas publicações, quando teve direito a nome próprio e o privilégio de explicita menção: *"o incendiador de caminho é um cartógrafo e está desenhando na paisagem a marca da sua presença. Escreve com fogo essa narrativa que é o seu itinerário. Não porque tenha medo de se perder. Mas porque ele quer que a geografia venha beber na sua mão"* (**Interinvenções**: 79).

O facto de considerar que *"a única geografia que me aceita é a poesia"* leva-o a recorrer a uma certa linguagem geográfica para descrever as mais íntimas e interiores paisagens: *"Sou, digamos, emigrante de um lugar sem nome, sem geografia, sem história"* (**Jesusalém**: 21). Náufragos entre o sentimento de perda da mátria ausente e o sonhado paraíso redentor que nunca se alcança, tais órfãos e permanentes filhos pródigos acabam como aquela para quem *"a saudade era quem guiava a sua mão, à procura de um sinal de Portugal, uma voz que lhe desse colo, uma palavra que a roubasse da geografia"* (**Jesusalém**: 232).

A sensibilidade pessoal molda o olhar atento, diferente, único e comprometido com que continua a mapear Moçambique e o mundo recorrendo a uma cartografia que contém a dose certa de coração e de razão, feita de mapas, reais e mentais, cujas legendas afetiva e simbólica os tornam imprescindíveis para memória futura, indispensáveis à compreensão dum tempo e dum espaço que preenchem o nosso actual imaginário. Espera-se, contudo, que este Atlas que Mia Couto vem laboriosamente desenhando conheça melhor sorte que o metafórico mapa, a que aludiu Jorge Luís Borges, onde os *"Colégios de Cartógrafos"* tinham colocado tanto esmero, empenho e rigor cientifico para *"levantaram um Mapa do Império, que tinha o Tamanho do Império e coincidia pontualmente com ele."* Por mais apurada e perfeita que seja *"a Arte da Cartografia"*, estamos sempre à mercê duma incontornável contingência: *"Menos Adictas ao Estudo da Cartografia, as Gerações Seguintes entenderam que esse dilatado Mapa era Inútil e não sem piedade o entregaram às Inclemências do Sol e dos Invernos."*

O risco de tão abnegado esforço acabar entre as *"despedaçadas Ruínas do Mapa"*, destinadas a serem *"habitadas por Animais e por Mendigos"*, arquivadas como outra qualquer *"relíquia das Disciplinas Geográficas"*, não apagará a importância duma obra que, ao alargar a cultura territorial e combater a iliteracia geográfica, começa a cumprir a sua missão quando interpela os leitores e os ajuda a reinterpretar a mais íntima geografia que reside em cada um de nós.

O forjador de palavras e a humana Babel

MARIA ANTONIETA GARCIA
Escritora
Professora universitária

No princípio era o Verbo... A palavra do Pai – ***Fiat*** – fez-se substância e esta é uma crença que põe em sintonia o redator do Génesis, Platão e S. João. O vernáculo adâmico com um fundo comum, unificador, cristalino ocultou-se, depois, com Babel, como punição; ao homem foi retirada a compreensão do significado pleno das palavras, a pluralidade das linguagens confundiu, dividiu os seres humanos.

Decifrar os textos, as mensagens com o assombro indiscutível perante a forma infinita de combinações que o alfabeto permite, foi criando forjadores de palavras, surpreendeu e empenhou estudiosos, ao longo dos tempos. Escreve G. Steiner – ***Depois de Babel -: "... Quantitativamente, um alfabeto com 26 letras é mais rico que o código genético com as suas «palavras de três letras».***

A obra de Mia Couto enquadra-se neste universo; como num labirinto de múltiplas saídas ressemantiza palavras, provérbios, aforismos, maneja-os, constela-os, desconstrói-os elegendo uma nova cartografia do dizer. - ***... A barcaça não resistia, o caudal do rio a ver com quantos paus se desfaz uma canoa; agora somos um povo de mendigos, nem temos onde cair vivos. O prometido é de vidro, graças e desgraças a Deus...-:***

Através da fonologia, da morfologia, da sintaxe, da semântica, Mia Couto converte a linguagem. Através da "artesania do verbo" o autor cativa-nos. Entre muitos, lembramos: ***agradódiva, medonháveis, tremedroso, cabisburro, antespassados, sonhatriz, semimesmo...*** Há personagens nomeadas Mariavilhosa, Admirança, Abstinêncio, Ultímio, João Loucomotiva que conjugam novos verbos e se ***curiositam, infinitam, irreconhecem, treslouquecem, se abismalham, e sozinham...*** Vocábulos tecidos, cruzados entretecem um bailado onde rumoreja o cânone literário aliado a uma " nova poética africana", com imagens, ritmos e prosódia próprios.

Numa recriação divina, concebida pelo ***Fiat*** de sabor primordial, resgata alteridades, memórias e sonhos, revigora a lusofonia. Diz Mia Couto que ***"A literatura é o território sagrado onde se inventa um chão e nos sentamos como deuses. O lugar, onde, também nós somos deuses. (...) É isso que toma num momento divino esse pequeno delírio de inventar.***

"Ser de fronteira", como se autoidentifica, entre a Europa e África, a obra miacoutiana valora o património ancestral, mas também o hibridismo, a multiculturalidade do continente africano.

Foi o ***"...gosto pelo namoro entre língua e pensamento, o gosto do poder divino da palavra"*** – Mia Couto - o delírio do artesão do Verbo, que soltou o forjador de palavras acreditado pela humana Babel.

El compromiso vital con la "terra" y con la "oralidade"

VALENTÍN CABERO DIÉGUEZ
Professor
Universidade de Salamanca

Mi respeto y consideración por Mía Couto guarda una estrecha relación con la lectura inicial de un hermoso libro (*Tierra Sonámbula*) salpicado de términos y topónimos mozambiqueños, capaces de descubrirnos vidas y paisajes muy lejanos, y de sacudir con fuerza nuestras conciencias. Para un ibérico del interior peninsular, sus historias tan entrañables, sus diálogos tan ágiles y directos, o la trabazón interna y ritmo de una lengua portuguesa enriquecida con neologismos dialectales africanos, rebasan el contexto cultural de lo lusófono para convertirse en creaciones literarias con verdadero sentido universal. Nos descubren mundos insólitos y realidades mágicas que se revelan a la vez como profundamente humanas y representativas del mestizaje e identidad de Mozambique.

Son la "terra" y la memoria de los lugares los depositarios de nuestras vidas y de nuestro futuro. En ellos radica el pasado y al mismo tiempo la construcción del presente. A través de ellos y, sobre todo, a través de sus habitantes, penetramos en sus escenarios y costumbres, compartimos sus carencias o desventuras, y nos solidarizamos con sus ilusiones o esperanzas, casi siempre irrealizables e imposibles. Cómo no considerar lleno de magia un sitio remoto del que se dice: "fue allí, más que en ningún otro lugar, donde perfeccionó el arte de afinar silencios" (*Jesusalén*). Tiempo y espacio abrazan y circundan (*Um Rio llamado Tiempo, uma Casa llamada Terra)* nuestras maneras de percibir y soñar el mundo, situándonos ante límites y abismos difíciles de cruzar. A veces sólo nos quedan los fantasmas de la memoria. A nossa memória se povoava de fantasmas da nossa aldeia. Esse fantasmas nos falavan con nossas lenguas indígenas. Mas nós já só sabíamos sonhar em português. E já não havia aldeias no desehno do nosso futuro (*Terra Sonámbula*)

Pocas veces se ha trazado con más sensibilidad y delicadeza la dialéctica entre la mirada local y la modernidad más universal ("lenguas locales o mundiales", se pregunta el traductor en El último vuelo del flamenco). Mia Couto recurre para ello a situaciones y experiencias en las que el autor ha participado como testigo o protagonista, mostrándonos con cierta ironía las contradicciones, los contrastes, los matices, los conflictos o las múltiples identidades y fronteras ("viajante de identidades", "contrabandista de almas" se califica a si mismo)), en las que se ponen de manifiesto las distintas formas de adaptación o los choques culturales, entre los que no faltan los traumas y herencias de la guerra civil y ahora los distintos discursos políticos y alternativas democráticas en el Mozambique postcolonial y postrevolucionario. No en vano Mia Couto sabe bien de estas dialécticas sutiles tras su presencia en la radio y su ya larga colaboración periodística

Las narraciones e imágenes que Mía Couto nos regala, beben directa e inteligentemente en la tradición oral y convierten a sus relatos en testimonios expresivos de la vida cotidiana, llenos de giros y expresiones primarias cargadas de sano humor crítico, de valores estéticos o de cruel belleza y humanidad. Nace así una escritura nueva y original, alejada de los códigos formalistas, y pegada a los problemas reales de la Tierra y de nuestro tiempo. El propio Mía Couto nos recuerda que la tradición oral, la oralidade, es un vínculo de unión fundamental entre las culturas antiguas y los conocimientos rurales. En nuestro entorno transfronterizo topamos aún con los restos de una cultura rural trenzada por tradiciones orales de fuerte raigambre histórica, cuya inminente desaparición nos apena dolorosamente. Quizás estamos ante los mismos males de la modernidad y de la globalización. De algún modo, el Centro de Estudios Ibéricos, que se honra con la presencia de Mia Couto entre los galardonados con el Premio Eduardo Lourenço, intenta contrarrestar y remediar estas dinámicas de marginación y desmemoria que nos envuelven.

Nos sentimos, pues, plenamente solidarios con los mensaje humanos y el coraje cívico de Mia Couto en defensa de la naturaleza. Y le damos las gracias, kanimambo, por sacudir nuestras mentes (por "golpear las tinieblas" que diría nuestro poeta Gabriel Celaya) y por enseñarnos desde la topofilia de su escritura a dialogar con África y sus lugares sagrados, a soñar con sus mundos literarios y, en particular, por lograr identificarnos con los "olvidados de la tierra".

Mia Couto: perfis

NATANIEL NGOMANE
ECA, Universidade Eduardo Mondlane

A sua estreia em livro dá-se com *Raiz de Orvalho* (1983), uma colectânea de poemas que, subtilmente, apela para a mudança no fazer literário moçambicano. Desse modo, junta-se a Luis Patraquim que, em 1980, lançara *Monções*, tornando-se, ambos, porta estandartes da mudança da poiesis em Moçambique. Três anos depois, iniciaria um percurso ainda longe de terminar, ao mergulhar profundamente na produção da prosa ficcional.

Inaugurada com *Vozes anoitecidas* (1986), conjunto de estórias que se apropriam das falas do quotidiano das camadas populares de moçambicanos, a obra ficcional de Mia Couto pode ser caracterizada, entre outros aspectos, pelo uso desviante do português, prenúncio, já nesse então, dos indefinidos e sinuosos caminhos por onde se move, em Moçambique, esse idioma. Aspecto sempre retomado e aprimorado pelo autor, o uso desviante do português nas suas obras configura-se, hoje, como um dos seus principais traços distintivos.

Dada a apropriação que opera sobre as falas do quotidiano, com toda a variada gama de alterações ao português de padrão europeu que as caracterizam, a linguagem literária de Mia acabou por subverter padrões literários pré-estabelecidos sobre uma pretensa "pureza da língua" e linearidade discursiva, reflectindo, ademais de uma mistura de formas linguísticas diversas, também vivências e particularismos moçambicanos, como assinala José Craveirinha no "Prefácio à edição portuguesa" de *Vozes anoitecidas* 1. Surgida em resposta ao desafio que o próprio autor se impôs ao publicar esse livro, a sua linguagem aponta, também por isso, para a afirmação de uma autenticidade literária, dado sustentar-se, conforme as suas palavras, numa maneira moçambicana de contar histórias moçambicanas, usando a língua portuguesa 2. Assim se explicam as suas incursões pelas falas do quotidiano moçambicano que, erigidas a matéria prima dos seus contos e romances, são absorvidas e reelaboradas pelo seu génio criador, sendo projectadas na imanência textual por narradores e personagens escolhidos desse mesmo quotidiano e que, em função do seu próprio meio linguístico, suas próprias tradições socioculturais e visão de mundo própria, vão tecendo as suas estórias.

Assim se assiste, pois, nas obras de Mia Couto, ao desfile das mais diversas formas linguísticas que, vinculadas ao contexto moçambicano, revelam a também diversidade dos seus tecidos social e cultural, a pluralidade das suas crenças e imaginários, inclusive, na base de neologismos populares e de criação do próprio autor. Através dessas mesmas formas, a obra de Couto também apresenta uma sucessão de formas de expressão em que se percebe uma forte componente oral. Além do efeito estético, esses mecanismos discursivos produzem camadas funcionalmente metalinguísticas que, visando propiciar um melhor entendimento dos acontecimentos narrados, acabam por questionar, através de construções insólitas, não só uma linguagem obsoleta, incapaz de expressar a realidade que a circunda, como também o próprio acto de narrar. Assim sucede em *Cada Homem é uma Raça* (1990), *Cronicando* (1991) e o seu primeiro romance *Terra Sonâmbula* (1992), que está entre as melhores 12 obras africanas do séc. XX, tendo ganho o Prémio da Associação Paulista de Críticos de Arte (1992) e o Prémio Nacional de Ficção da Associação dos Escritores Moçambicanos, em 1995. Em 2008, esse romance foi levado às telas do cinema por Teresa Pratas.

A seguir, Mia publicou sucessivamente *Estórias Abensonhadas* (1994), *A Varanda do Frangipani* (1996), *Contos do Nascer da Terra* (1997), *Vinte e Zinco* (1999), *Mar me quer* (2000) e *O Último Voo do Flamingo* (2000), galardoado pelo Prémio Mário António de Ficção 2001, atribuição da Gulbenkian que distingue obras e autores dos países africanos de língua portuguesa e de Timor-Leste. Esse romance também foi para as telas, num filme do também moçambicano João Ribeiro.

Mia ainda publicou *Na Berma de Nenhuma Estrada e Outros Contos* (2001), *O Gato e o Escuro* (2001), *Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra* (2002) – também rodado em filme, desta feita, pelo português José Carlos Oliveira -, *O País do Queixa Andar* (2003), *O Fio Das Missangas* (2003), *A Chuva Pasmada* (2004), *Pensatempos. Textos de Opinião* (2005), *O Outro pé da Sereia* (2006), *O Beijo da Palavrinha* (2006), *Idades Cidades Divindades* (2007), *Venenos de Deus, Remédios do Diabo* (2008), *E se Obama fosse Africano? E Outras Intervenções* (2009), *Interinvenções* (2009), *Jesusalém* (2009), publicado no Brasil sob o título *Antes de nascer o mundo*, no mesmo ano, *Pensageiro Frequente* (2010), *Tradutor de chuvas* (2010) e, o mais recente romance, *A confissão da leoa* (2012).

Pode-se afirmar, com profunda tranquilidade, que Mia Couto é um dos autores moçambicanos, e de língua portuguesa, mais traduzido no mundo: para o espanhol, o francês, o catalão, italiano, inglês, alemão, sueco, norueguês, holandês, entre muitas outras línguas.

Além dos Prémios mencionados, também venceu o Prémio Vergílio Ferreira (1999), pelo conjunto da sua obra, o Prémio União Latina de Literaturas Românicas (2007), o Prémio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura (2007) e, mais recentemente, em 2011, o Prémio Eduardo Lourenço.

Mia Couto é sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras, desde 1998.

Maputo, 17 de Abril de 2012.

1 2a ed. Lisboa: Caminho, 1987, p.9 e 10.
2 Tempo, Maputo, 12/10/1986, p.46.

O encontro de Mia Couto com Eduardo Lourenço

ANTÓNIO VALDEMAR
Presidente da Academia de Belas Artes

Mia Couto que nasceu em Moçambique, que estudou em Moçambique, que principiou a escrever em Moçambique e continua a viver e escrever em Moçambique não pode ser reduzido, mesmo com os adjetivos mais retumbantes, a um escritor de Moçambique. É um dos maiores escritores (de sempre) do espaço da lusofonia. E, se assim o é, está dentro do mundo.

Tive o gosto de subscrever a proposta da sua entrada para a Academia das Ciências e que o elegeu por unanimidade. Um premio agora com o nome de Eduardo Lourenço atribuído a Mia Couto também é um motivo de honra, entre tantas distinções internacionais já recebidas. Constitui o encontro do escritor com o grande pensador (que é também um grande escritor) e que tem interrogado e refletido as raízes da lusofonia, as questões primordiais da Europa, os problemas do nosso tempo e de todos os tempos.

A língua portuguesa estaria em vias de extinção se ficasse circunscrita à «última flor do Lácio» exaltada no soneto parnasiano de Bilac. As exigências e os zelos dos gramáticos, em nome do vernaculismo, condenam à morte qualquer língua . Com ou sem acordo ortográfico, retiram- lhe a força, a respiração e o plasma da comunicação.

Mia Couto não hesitou praticar na escrita a transgressão e a heterodoxia para construir um discurso novo. Reinventa o universo das palavras para desenvolver e aprofundar a conjugação dos cinco sentidos. Dos seus cinco sentidos para se conciliarem com os nossos.

Mia Couto, poeta de iluminação ensaística

A poesia é um modo de ler o mundo e escrever nele um outro mundo.

Mia Couto

INOCÊNCIA MATA
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Centro de Estudos Comparatistas

Quando em 2000 Mia Couto afirma, em entrevista ao jornal "Público", que encontrava pátria na sua língua portuguesa, a convocação de Bernardo Soares/Fernando Pessoa não pôde deixar de se fazer. Porém, como quase sempre acontece com afirmações menos habituais, menos previsíveis, todos a comentam efusivamente, celebrando-as ou invectivando-as; todavia, como também acontece amiúde, poucos se preocupam em aprofundar as implicações do que é dito. Parece-me que foi o que aconteceu com esta afirmação de Mia Couto há mais de uma década, em 2000 – afirmação depois transformada em "a minha pátria é a minha língua portuguesa"[ii].

Ao desferir a segunda desconstrução interpretativa ao tão ideologizante binómio pátria/língua, Mia Couto introduz na discussão outro binómio, cultura/expressão, que contém a pressuposição de que a dinâmica de uma língua procede da interacção estabelecida entre a língua e a cultura, entre o falante e a sociedade. Relembro, por isso, toda a frase de Mia Couto nessa entrevista:

Poderia dizer que a minha pátria é a poesia. E a língua portuguesa. Mas exactamente na sua capacidade de deixar de ser "portuguesa". Isto é: a língua portuguesa enquanto espaço onde me reinvento, onde me torno único. Assim encontro pátria na minha língua portuguesa.

Este pensamento de Mia Couto corrobora essoutro de dois filósofos, Gilles Deleuze e Félix Guattari, quando afirmam que "Uma língua não se fecha sobre si mesma senão em função de impotência". Mia Couto falaria da fertilidade da língua para cruzar os tempos a fim de suportar a dinâmica da modernidade própria da moçambicanidade. Neste contexto, é importante assinalar que, por este novo par de binómio, cultura/expressão, é possível perceberem-se as estratégias criativas dos falantes de outras geografias culturais e dos escritores dos países africanos de língua oficial portuguesa que, por razões históricas, se vêm internacionalizando numa língua originariamente imposta, hoje apropriada e nativizada em espaços outros não europeus, como os africanos, dando substância à ideia de que o falante localiza-se em vocabulários culturais através dos quais se institui como sujeito cultural, sempre a partir de algum lugar, como nos ensina Stuart Hall.

Se de entre os usos diferentes que uma língua pode ter, conta-se o uso estético como uma das práticas culturais mais diferenciadoras, não admira que, sobretudo em sociedades com um passado colonial recente, como as dos países africanos, a literatura se torne veículo muito importante na construção da identidade cultural, de que a literária é uma vertente, e que se tornou componente fundamental do cadinho da identidade que se pretendeu – e se pretende – nacional. Se todos concordam que diferenças históricas, geográficas, sociais e étnicas dão sentires, sabores, valores e saberes diferentes, há que admitir que as suas representações têm que ser diversas ainda que se use um mesmo veículo linguístico: como já foi atrás referido, cada falante localiza-se a partir da sua enunciação e se reconhece a partir de um "local cultural". Na verdade, razão tem Pierre Bourdieu para quem, na dinâmica identitária a simbólica da distinção implica não apenas a existência da diferença, mas também o seu reconhecimento. Também Mia Couto partilha a mesma filosofia que mestiça (palavra quase inevitável quando se fala de Mia Couto, por isso mesmo tão insignificante já!) a contribuição de Derrida com a de Bourdieu quando afirma (ainda em 2000):

Lusofonia não, lusofonias. Cada um de nós tem a sua e tem que ser capaz de a inventar e de a alimentar a seu modo. Poderia dizer que a minha pátria é a poesia. E a língua portuguesa. Mas exactamente na sua capacidade de deixar de ser "portuguesa".

Ora, esse jogo de criatividade e pensatividade autorais, que se realiza no universo da linguagem, mais não é do que o das representações. Com efeito, através da linguagem se procede à valorização e preservação e simultânea transformação da tradição, locus seguro de resistência à ideologia cultural assimilacionista que se actualiza, no caso, no âmbito da instituição literária.

Ora, sendo a literatura lugar privilegiado para actualização das potencialidades expressivas da língua, pelo processo de representação do pensamento que evidencia, a obra de Mia Couto, escritor muito celebrado pelo "desarranjo" que acomete à língua portuguesa, actualiza, metaliterariamente, essa filosofia sobre a transformação linguística, que, afinal, resulta na re-ontologização da língua, para exprimir novas identidades forjadas em outros contextos, com outros elementos e com outros percursos históricos: "O que me instiga são as outras línguas e linguagens (…) Da minha língua materna eu aspiro esse momento em que ela se desidioma, convertendo-se num corpo sem mancha de estrutura ou de regra. O que eu quero é esse desmaio gramatical, em que o português perde todos os sentidos", diz o poeta-ensaísta. Com efeito, elemento privilegiado de assimilação das dinâmicas sociais, a língua promove a interacção com o universo que contacta transformando-se em "factor de delineamento de identidade, memória da consciência colectiva, arrastando consigo a concepção do mundo, dos mitos e dos hábitos"[iii].

Mia Couto é um escritor armadilhado – e se eu tivesse de caracterizar o tipo dessa armadilha, diria que é a "armadilha da hegemonia da escrita"[iv]. É que, em um sentido, a inventividade empreendida por Mia Couto é, no contexto, uma das mais emblemáticas: manifestando-se ao nível das transformações morfossintácticas e lexicais, seduz, logo de início, a curiosidade do leitor, despertando-o para a diferença e a diversidade e convidando-o à identificação da outridade e da alteridade inscritas no texto (conforme o leitor é um falante do português ou o tem como língua não-materna); porém, é o próprio a dizer que vive num país "em que se costuram várias fronteiras interiores". Por isso, em outro sentido essas diferenças são mais profundas porque epistemológicas e relevam de uma reflexão sobre o mundo – e por isso mais desafiantes (do que se fossem "apenas" estéticas, como normalmente são lidas). Com efeito, menos visível, porém mais profunda, é a grande metamorfose diferencial realizada ao nível da "ontologia" da língua que a materialidade discursiva regista, porém que a compreensão leitora nem sempre descodifica. Não admira que em *O Último Voo do Flamingo*, num piscar de olho ao leitor, o tradutor moçambicano se afirme incapacitado de traduzir a realidade ao estrangeiro italiano das Nações Unidas, ou que o jovem Mariano de *Um Rio Chamado Tempo*, uma *Casa Chamada Terra* afirme:

Não é a língua local que eu desconheço. São esses outros idiomas que me faltam para entender *Luar-do-Chão*.

O que se passa é que esse processo de reinvenção leva a uma "outra língua" do mesmo sistema linguístico, para traduzir nações diferentes, através de diferentes articulações literárias visando uma (nova) ontologização linguística que actualiza o jogo da representação cultural. Trata-se, como lembram Maria Nazareth Fonseca e Maria Zilda Cury, não apenas da representação, perante o Outro, das "diferentes versões dos acontecimentos inusitados do cotidiano da terra moçambicana", mas também de "diferentes códigos, como aquele que possibilita o acesso às experiências vividas pelos personagens introduzidos na trama (…) situações fantásticas, tão próprias das narrativas orais (…) tomadas como motivação de uma escrita que se quer imersa na terra, nas raízes culturais do país"[v]. Por isso julgo mais adequado falar, no caso de Mia Couto (tal como no trabalho do angolano Uanhenga Xitu) de reinvenção translinguística e não apenas de inventividade linguística

É que essa ideia de mundos intraduzíveis numa certa língua portuguesa, que Mia Couto erige com alguma sistematicidade a tema de suas obras, reforça essoutra de "outros idiomas" existentes na língua, que são as crenças, as tradições e as outras linguagens culturais que constroem a "ontologia" da língua e a fazem elemento importante de identidade. O próprio autor fala do "peso da História" advindo do percurso de guerras e dramas feito de materiais humanos sublimes, de histórias individuais e colectivas feitas vozes que disputam rosto e eco nas páginas de seus livros.[vi]

É neste contexto que se pode afirmar que Mia Couto concilia as duas filosofias de reinvenção linguística, com urdiduras que encenam um novo país a fazer-se. Nessa encenação entretecem-se saberes de proveniências várias, mormente das margens da nação, para a revitalizar, ela que se tem manifestado apenas pelo saber da letra, enquanto o da voz, pode dizer-se, continua subalternizado. Veja-se, por exemplo em *A Varanda do Frangipani* (1996), o desprezo que se infere da forma como Vasto Excelêncio tratava os velhos do asilo, ou a distância que separava o Inspector Izidine Naíta (encarnação de Ermelindo Mucanga) chegado de Maputo para investigar o assassinato daquele: em ambos se denota um comportamento que releva, num caso, da hierarquização dos padrões culturais em presença (Vasto Excelêncio) e, noutro, da diferente ontologia da (mesma) língua que todos falavam.

Aos poucos, [Ermelindo Mucanga/Izidine Naíta] vou perdendo a língua dos homens, tomado pelo sotaque do chão. Na luminosa varanda deixo meu último sonho, a árvore do frangipani. Vou ficando do som das pedras. Me deito mais antigo do que a terra. Daqui em diante, vou dormir, mais quieto que a morte.

Não existe neste enunciado qualquer "subversão" linguística (sintáctica ou morfológica), apenas uma natureza diferente dada às palavras, uma simbologia e uma imagética diversas, mais consentâneas com a ambiência de cumplicidades linguísticas à volta... dando razão a Deleuze & Guattari para quem "Não existe uma língua-mãe, mas tomada de poder por uma língua dominante dentro de uma multiplicidade política"[vii]: Porque como diz o próprio Mia Couto, "a língua portuguesa não é ainda a língua de Moçambique. Está-se exercendo, sim, como a língua da moçambicanidade". Paradoxal? Não, apenas nada linear.

É, pois, esta a filosofia metaliterária de Mia Couto, que assume, em diversas ocasiões, uma relação privilegiada com a língua em que busca, pelo "desarranjo", construir uma outra linguagem sobre o país. Assim, a revitalização translinguística que realiza segue pela via da levedação em português de signos pluriculturais transpostos para a fala narrativa em labirintos idiomáticos como forma de resistência ao aniquilamento da memória e da tradição.

A obra de escritores como Mia Couto, muito celebrado pelo "desarranjo" que vêm acometendo à língua portuguesa, actualiza, afinal, metaliterariamente, essa filosofia que tem a ver com uma nova ontologização da língua portuguesa. Por ela, a nova (pós-colonial) geografia linguística, se procede à exploração das especificidades do conjunto de expressões nacionais – "O meu país é um território de muitas nações", diz Mia Couto (2001) –, nos seus múltiplos desdobramentos, que a literatura capta para chegar ao (re)conhecimento de realidades culturais locais ou apreendidas na sua especificidade.

---

[i] Mia Couto, "Encontro pátria na minha língua portuguesa". Entrevista. Público. Público, 16 de Janeiro de 2000.

[ii] Mia Couto, "Luso-afonias – a lusofonia entre viagens e crimes". Oração de Sapiência na Universidade de Faro em 2001. In: E Se Obama Fosse Africano & Outras Intervenções. Lisboa: Editorial Caminho, 2009.

[iii] Fernando Cristóvão, "Diasporas Portuguesa: Línguas e Outros Contornos Culturais ". In CRISTÓVÃO, Fernando (Coord.), Dicionário Temático da Lusofonia, Lisboa : ACLUS/Texto Editores, 2005 (p. 219).

[iv] Mia Couto, "Quebrar armadilhas". In: E Se Obama Fosse Africano & Outras Intervenções. Op. cit.

[v] Maria Nazareth Soares Fonseca & Maria Zilda Ferreira Cury, Mia Couto : Espaços Ficionais. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008 (p. 24-25).

[vi] Mia Couto. Em destaque. In JL – Jornal de Letras, Artes & Ideias (Lisboa), 08 de Maio de 2007 (p. 4).

[vii] Gilles Deleuze & Félix Guattari, Mil Platôs : Capitalismo e Esquizofrenia. São Paulo : Editora 34, 2007 (p. 16).

«L'Accordeur de silences» de Mia Couto (ou les exilés de l'humanité)

DOMINIQUE STOENESCO
Professor e Editor
França

Depuis un peu plus d'une dizaine d'années, et surtout depuis le Salon du livre 2000, l'écrivain mozambicain Mia Couto fait discrètement son chemin en France, comme conteur mais aussi, désormais, comme romancier, avec *L'Accordeur de silences*(*) qu'il présentait le 10 octobre dernier à la Maison du Portugal (Cité Universitaire), à Paris, en compagnie de l'écrivain angolais José Eduardo Agualusa. Mia Couto est né au Mozambique, en 1955. Après avoir étudié la médecine et la biologie à Maputo, la capitale du pays, il travaille au quotidien «Notícias de Maputo», puis ? à l'hebdomadaire «Tempo». Actuellement il vit toujours à Maputo où il est biologiste et où il enseigne l'écologie à l'université. Parmi ses livres publiés en français, nous pouvons citer *La Véranda au frangipanier* (2000), *Le Dernier Vol du flamant* (2009), *Et si Obama était Africain* (2010) ou *Le Fil des Missangas* (2010).

Bien qu'écrit dans un style plus épuré et moins imprégné de l'oralité mozambicaine, ce roman s'inscrit complètement dans l'univers littéraire de Mia Couto, plein d'invention, de poésie et d'ironie. Ce qui se passe dans L'accaordeur de silences est une métaphore de notre condition en tant qu'individus et en tant que nations. Les personnages de ce roman souffrent du passé et leurs souvenirs constituent un châtiment, car le Temps qu'ils ont vécu est devenu une maladie sans remède, se transformant en un labyrinthe dont la seule issue serait de vivre une autre vie. Dans un petit livre consacré à Mia Couto, publé par les éditions Orfeu, à Bruxelles, dans la collection Cadernos Damião de Goes (n°4-2010), l'écrivain mozambicain affirme : « Récemment, nous avons vécu au Mozambique l'expérience terrible d'une guerre civile qui, en 16 ans (1976-1992) a fait un million de morts. Je croyais que, même après la paix, cette plaie resterait toujours ouverte. Mais cela ne fut pas le cas. Comme une éponge magique, les Mozambicains ont décidé d'oublier. Une amnésie collective fut la réponse à ce passé qui paraissait condamné à ne plus jamais passer. »

Ainsi, dans *L'Accordeur de silences*, les personnages évoluent dans ce chaos qui suivit la guerre civile. Voulant en échapper, ils transfigurent ce désordre en utopie, s'enfermant dans un monde absent de toute perspective historique. Ce monde s'appellera Jesusalem, titre original du roman, mot créé par l'auteur, composé de « Jesus » et de « além » qui signifie « au-delà ». Un lieu désert et lointain, une réserve de chasse abandonnée où Silvestre Vitalicio emmène sa famille et y établit un règne de solitude, de silence et d'oubli. C'est donc là que s'exilent les protagonistes de ce livre : la terre où « Jésus devrait se décrucifier », la terre au-delà de laquelle ne figuraient plus que des « territoires sans vie qu'il – Silvestre Vitalicio - appelait vaguement l'Autre-Côté ». Vitalicio raconte à ses enfants que le monde est fini et que les cinq habitants de ce lieu sont les derniers survivants de l'humanité. Outre Vitalicio et ses deux enfants Mwanito et Ntunzi, il y a aussi son frère Aproximado et Zacaria Kalash, un ancien militaire. Mwanito, le plus jeune des deux frères, est précisément l'accordeur de silences et le narrateur de l'histoire : «Je suis né pour me taire. Le silence est mon unique vocation. C'est mon père qui m'a expliqué: j'ai un don pour ne pas parler, un talent pour épurer les silences.» Mais Mwanito souffre de la même maladie que son père : « Pour la première fois, je confessai ce qui depuis longtemps me serrait la poitrine ; j'avais hérité de la folie de mon père. Pendant de longues périodes, j'étais attaqué d'une cécité sélective. Le désert se transférait à l'intérieur de moi, métamorphosant le voisinage en un peuplement d'absences. » Il ne se souvient pas de sa mère, Dordalma, suicidée, mais elle lui rend visite dans la nuit ou près d'un fleuve. C'est à la mort de sa mère qu'il doit sa qualité singulière de silence. Devant les pleurs de Silvestre et la béance creusée par l'absence de sa mère, l'enfant de trois ans se tait et développe son talent pour «Dépurer les silences». Car «il n'est pas de silence unique. Et chaque silence est une musique à l'état de gestation». Mais dans ce territoire où aucun dieu n'est jamais arrivé, où sont interdits les chansons, les souvenirs, les prières, les larmes et l'écriture, et où aucun pont avec l'univers semblait possible, l'arrivée soudaine d'un intrus met fin à cette réclusion et finit par démêler un écheveau de révélations surprenantes. En effet, à la fin du livre, une lettre adressée à Mwanito, qui a appris à lire seul, en cachète, révèle l'histoire de Dordalma, sa vie amoureuse, les violences qu'elle a subies avant de se tuer et comment son mari a réagi. L'auteur de cette lettre est une Portugaise, Marta, qui avait rejoint Jesusalem parce qu'on lui avait dit que son mari, un certain Marcelo, était mort en Afrique.

Toujours aux aguets, Mwanito capte la voix intérieure de chaque être et va peu à peu scier les barreaux de ce monde carcéral. Par son don exceptionnel et sa transparence il parvient à saisir la vérité de la nature, de la guerre, du colonialisme, de l'adultère, de la misogynie et de l'amour. Mais pourquoi chaque tentative d'évasion échoue et ramène les personnages au point de départ ? Parce que, selon Mia Couto, le vrai voyage est intérieur : « La principale explication de cet échec doit être recherchée à l'intérieur de nous-mêmes ». Malgré les réminiscences bibliques, L'Accordeur de silences n'est pas un roman métaphysique et le discours de Mia Couto n'a rien de nostalgique. Le lecteur est immergé dans le caractère concret de l'univers dans lequel l'auteur nous entraîne. Et par ailleurs, bien qu'à travers ce roman Mia Couto se concentre sur la réalité mozambicaine après l'indépendance, sa profondeur d'observation de la nature humaine lui donne indiscutablement un caractère universel.

(*) *L'Accordeur de silences*, de Mia Couto, traduit du portugais (Mozambique) par Elisabeth Monteiro Rodrigues, éd. Métailié, Paris, 240 p.

Mia Couto, uma "Bola de Neve" e a Guarda

ANTÓNIO JOSÉ DIAS DE ALMEIDA
CEI

Mia Couto, Prémio Eduardo Lourenço – 2011, foi várias vezes distinguido com outros prestimosos prémios de natureza literária, entre os quais avulta o Prémio Vergílio Ferreira, conferido pela Universidade de Évora, em 1999, pelo conjunto da sua, já então, vasta obra.

Sublinhar a importância do contributo da sua bibliografia para a recriação e valorização da língua portuguesa é, de há muito, um quase lugar comum unanimemente reconhecido.

Uma genuína originalidade criativa está bem patente na sua ficção narrativa, do conto ao romance, passando pelas suas imaginativas "estórias", não esquecendo as oportunas crónicas jornalísticas e os seus Pensatempos. Realce também para uma intrínseca voz poética sempre subjacente na sua prosa e brilhantemente explicitada na Poesia, como acontece em Raiz de Orvalho e Outros Poemas. Regressemos aos prémios. Relevemos o que lhe foi atribuído pela Universidade de Évora, em 1999, Prémio Vergílio Ferreira e o Prémio Eduardo Lourenço que, por unanimidade, o Júri, reunido na Guarda, nas instalações do Centro de Estudos Ibéricos (CEI), lhe conferiu em Outubro de 2011. Vergílio Ferreira e Eduardo Lourenço personificam a Guarda nos aspectos que mais a engrandecem – os valores culturais. São, justificadamente, dois símbolos de que os guardenses muito se orgulham.

Permitam-me, caros leitores do Jornal do Fundão que, a latere do Prémio Eduardo Lourenço e do premiado de 2011, o escritor Mia Couto, traga, aqui e agora à colação, um nome que também à Guarda esteve ligado e dele trace um breve esboço biográfico. Refiro-me ao Engenheiro Agrónomo Álvaro Martins da Silva. Oriundo da Sertã, aí nasceu em 29 de Maio de 1911. Em 1 de Fevereiro de 1948, vamos encontrá-lo, aqui na Guarda, como director dum simpático e modesto jornal, propriedade da Caixa Recreativa do Sanatório Sousa Martins e que ostentava o sugestivo título Bola de Neve.

Ficamos a saber que o Eng. Martins da Silva veio de Lisboa procurar no então célebre e afamado Sanatório desta cidade a cura da doença que o afligia. Muitos outros doentes aí se encontravam, alguns nomes ilustres, gente criativa e dinâmica que pretendia amenizar a rotina de um quotidiano problemático, promovendo iniciativas de carácter lúdico, recreativo e cultural. Assim nasceu o Bola de Neve e também a Rádio Altitude.

Para primeiro director do referido jornal foi convidada a personalidade de quem vos falo. Começou a publicar-se a 1 de Fevereiro de 1948. Inicialmente quinzenal, passaria a mensal a partir de Junho desse mesmo ano. A irregularidade viria a ser, contudo, uma constante. De 1948 a Agosto de 1959 publicaram-se 30 números, com um longo hiato de 1952 até Março de 1959.

Compulsemos o Bola de Neve nº 19, de 28 de Abril de 1950, o primeiro onde aparece o nome do Dr. José Barata como Director. Do seu editorial Mais Um Passo, permitam-me que transcreva os parágrafos finais:

"Guardamos para o fim a exteriorização dum sentimento que está na nossa mente desde o instante em que aceitámos o encargo de dirigir este jornal. É um sentimento de homenagem ao primeiro director do Bola de Neve, o nosso prezado amigo, Engenheiro Álvaro Martins da Silva".

Durante dois longos anos ele foi o director que desejavam, respeitavam e amavam.(...) Por um conjunto harmonioso de qualidades, o Eng. Martins da Silva, ao retirar-se para os seus pátrios lares, deixou um vácuo difícil de preencher".

Pois bem. O ilustre agrónomo exerceu o cargo de director nos anos de 1948 e 1949. Da sua responsabilidade encontramos os editoriais, bem como outros textos não assinados que deveriam ser de sua autoria. Com mais fôlego publica nos nºs 6, 7, 8 e 9, uma interessante narrativa intitulada Visita do Jesuíta Law ao Musila. No nº 10 assina a notícia sobre a realização, na Guarda, do VIII Congresso Beirão e também é dele a notícia da inauguração da Rádio Altitude. Pelo jornal ficamos a saber que "num serão artístico no Salão de Festas da Caixa Recreativa foi representada a peça Candeia de Luz Divina da autoria do Eng. Martins da Silva." A mesma viria a ser publicada no jornal nº 16, em Fevereiro de 1949. Alguns diálogos por si escritos e publicados foram interpretados aos microfones da Rádio Altitude.

Em 17 de Abril de 1951, no jornal nº 23, surge uma curiosa notícia que reza assim: "Vai a caminho de Vila Pery (Moçambique) o nosso querido amigo, Sr. Engenheiro Álvaro Martins da Silva. Vai chefiar a Repartição de Agricultura de Moçambique por honroso convite do Governador Geral."

De facto, em Moçambique, concretamente na capital, a então Lourenço Marques, desempenhará as mais elevadas funções na área da sua especialidade. Será durante muitos anos (até à sua aposentação) Director dos Serviços de Agricultura. A bibliografia de sua autoria nas matérias que a essas áreas dizem respeito é vasta e ainda hoje pode ser consultada.

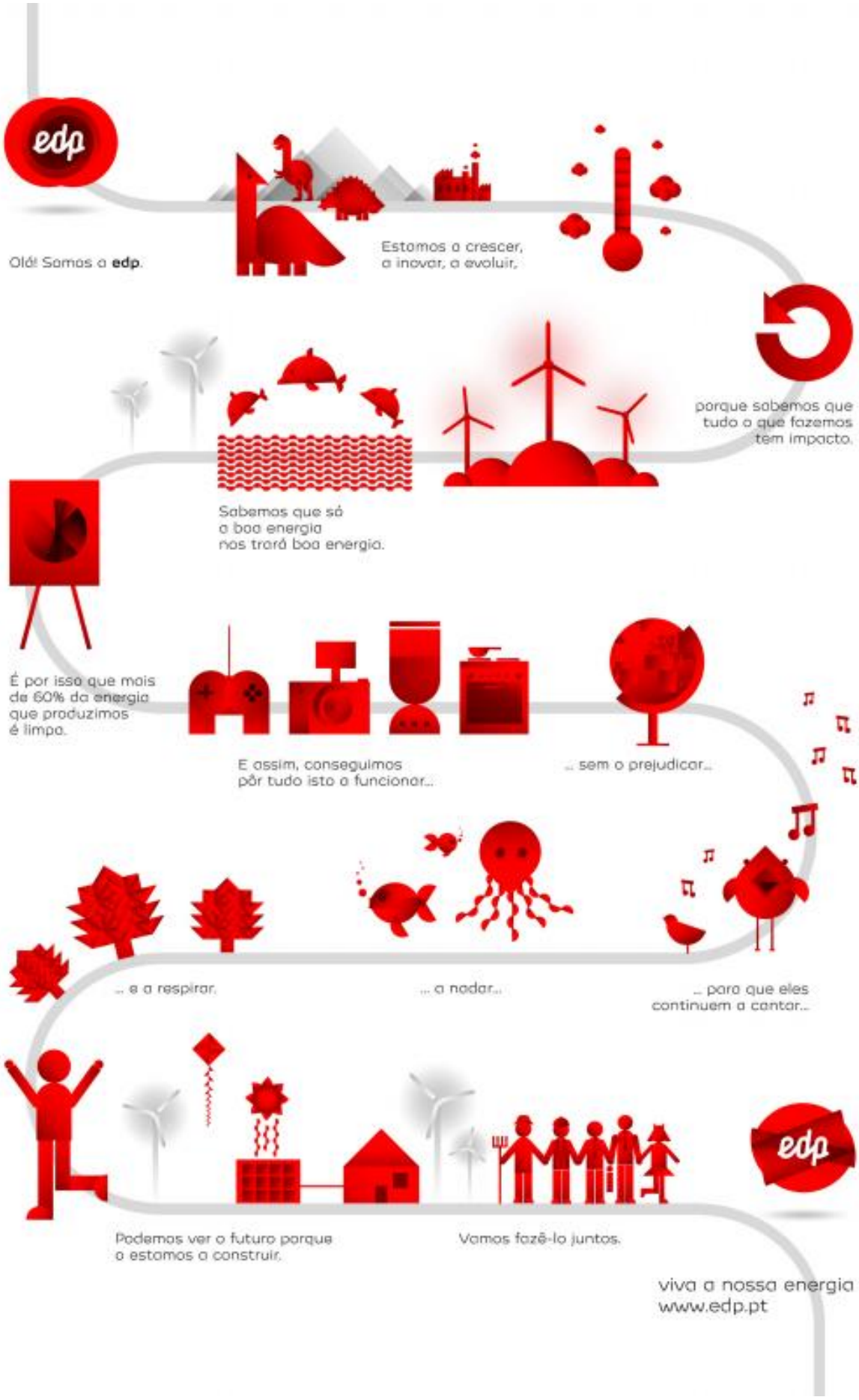
Em 1954, casa-se com Maria Emília da Cunha Teles Martins da Silva, natural, vejam bem, caríssimos leitores, do concelho da Guarda, concretamente de Fernão Joanes, onde os pais, a Srª D. Maria de Jesus e o Sr. Professor João Cunha, tinham sido professores. Conheci-os bem, já aposentados, após terem regressado de Moçambique – aí exerceram durante muitos anos o seu magistério – na sua confortável casa nos Meios.

Novamente, pelo casamento, a Guarda se intromete na biografia do 1º director do Bola de Neve. Desse casamento nasceram, em Lourenço Marques, dois filhos e duas filhas. Uma delas, a Patrícia formou-se em Medicina, em Maputo, e aí tem exercido clínica. Esta prestigiada e ilustre médica é, afinal, a mulher do escritor Mia Couto, vencedor do Prémio Eduardo Lourenço – 2011.

Este Prémio ser-lhe-á entregue no dia 27 de Abril aqui, na Guarda, com toda a solenidade, mérito e justiça. Nesse dia terei a oportunidade de pessoalmente lhe dar os merecidos parabéns e, creio, terei também o prazer de cumprimentar a sua família. Recordarei com saudade a figura do Engenheiro Martins da Silva que tive o gosto de conhecer, em fortuitos mas frequentes encontros em Lisboa, na Sertã e também aqui na Guarda. Faleceu em 26 de Março de 1995 e está sepultado no cemitério da Sertã.

Junto ao antigo Sanatório ergue-se agora, desde 2008, a Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço onde Mia Couto conversará durante a manhã do dia 27 com Alunos das Escolas da cidade e às 15 horas apresentará o seu último romance, A confissão da Leoa.

Ali mesmo, a meia dúzia de passos, das alamedas e dos pavilhões onde, nos já longínquos anos de 1948 e 1949, Martins da Silva, pelos motivos já apontados, dava asas a uma solidária missão, contribuindo com o seu Bola de Neve para o enriquecimento informativo, recreativo e cultural dos seus companheiros de infortúnio.


edp
Olá! Somos a edp.
Estamos a crescer,
a inovar, a evoluir,
porque sabemos que
tudo o que fazemos
tem impacto.
Sabemos que só
a boa energia
nos trará boa energia.
É por isso que mais
de 60% da energia
que produzimos
é limpa.
E assim, conseguimos
pôr tudo isto a funcionar...
... sem o prejudicar...
... e a respirar.
... a nadar...
... para que eles
continuem a cantar...
edp
Podemos ver o futuro porque
o estamos a construir.
Vamos fazê-lo juntos.
viva a nossa energia
www.edp.pt